

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Marianna França de Jesus

ARQUITETURA DOMICILIAR:
A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA E A RECONFIGURAÇÃO
DO HABITAR NA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES

Governador Valadares/MG
2021

Marianna França de Jesus

ARQUITETURA DOMICILIAR:
A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA E A RECONFIGURAÇÃO
DO HABITAR NA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito para obtenção do título de Mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientadora: Prof^ª. Dr.^a Sueli Siqueira

Governador Valadares/MG
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

J58a Jesus, Marianna França de
Arquitetura domiciliar : a experiência migratória e a reconfiguração do habitar na região de Governador Valadares / Marianna França de Jesus. – 2021.

105 f. ; il.

Orientação: Sueli Siqueira.

Dissertação (mestrado em Gestão Integrada do Território) – UNIVALE – Universidade do Vale do Rio Doce, 2021.

1. Arquitetura de habitação – Governador Valadares. 2. Emigração – Brasil – Estados Unidos. 3. Territorialização. I. Siqueira, Sueli. II. Título.

CDD-728



UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território

MARIANNA FRANÇA DE JESUS

“Arquitetura domiciliar: a experiência migratória e a reconfiguração do habitar na microrregião de Governador Valadares”

Dissertação aprovada em 21 de setembro de 2021, pela banca examinadora com a seguinte composição:

Prof.^a Dr.^a Sueli Siqueira
Orientadora – GIT/Univale

Prof.^a Dr.^a Cristiana Maria de Oliveira Guimaraes
Examinadora – Instituto Federal de Minas Gerais/IFMG

Prof. Dr. Leonardo Sousa
Examinador – Universidade Pitágoras

AGRADECIMENTOS

Que desafio! Que grande desafio foi chegar até aqui. Dentro de todas as minhas limitações, aqui estou e agradeço a Deus por me mostrar todos os dias que nós podemos, cada um tem seu tempo e que Ele está em todas as coisas.

Obrigada à minha orientadora Sueli Siqueira, por não desistir de mim. E também pela paciência.

Aos mestres do GIT, toda a minha gratidão. Um pedacinho de vocês ficou aqui em mim.

Meus pais, Rita e Marcus, e a minha irmã Sylvia, que por vezes, pensaram que esse trabalho não se finalizaria, obrigada por todas as segundas chances e por todas as esperas. Essa, no final, rendeu frutos!

Aos anjos que Deus nos envia em forma de amigos: Daniela Pimentel, Débora Vianna, Débora Tameirão, Ilara Duran, João Marcos, Guilherme Letizio e Léo. Se não fossem os “termina isso logo” e os “não desiste” de vocês, eu não teria chegado até aqui. Obrigada!

Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.

[...]

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente enganado, enganoso.

A Ilusão do Migrante, Carlos Drummond De Andrade.

RESUMO

O fenômeno migratório, presente no território de Governador Valadares, se dá desde a década de 1960 e permanece até os dias de hoje. Os efeitos para o território são diversos. Este estudo faz uma reflexão sobre os impactos no modo de habitar após a experiência migratória, tendo como objetivo verificar os impactos da experiência migratória do retornado da microrregião de Governador Valadares em seu habitar, seja na organização de sua residência, ou na arquitetura de sua casa. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, com utilização da entrevista em profundidade e observação participante. Foram trabalhados sete casos de migrantes retornados, que relataram suas experiências referentes ao significado de habitar nos EUA e no retorno ao Brasil. Os dados foram analisados utilizando a metodologia da análise de conteúdo de Bardin. Na análise de todas as entrevistas percebeu-se uma modificação no morar dos participantes do estudo, mesmo que a mudança não seja vista concretamente, ela existe no desejo, na vontade de ver tal mudança, como por exemplo, fazer uma ilha na cozinha da casa construída em Governador Valadares, para assim, ficar como a cozinha da casa que foi habitada nos Estados Unidos. Estar em um território com hábitos e costumes diferentes impacta a percepção do significado de habitar, e ao retornar, essa experiência é adaptada às condições locais, portanto, a experiência migratória modifica a organização da casa e o sentido de habitar.

Palavras-chave: emigração internacional, arquitetura domiciliar, território.

ABSTRACT

The migratory phenomenon, present in the territory of Governador Valadares, has occurred since the 1960's and remains until the present days. The effects for the territory are various. This study reflects about the impacts on the way of living after the migratory experience, aiming to verify the impacts of the migratory experience of returnees from the microregion of Governador Valadares on their inhabit, whether in the organization of their residence, or in the architecture of the construction or renovation of your home. The methodology used was qualitative research of the case study kind, with use of deeply interview and participant observation. Seven cases of returned migrants were worked on, who reported their experiences regarding the meaning of living in the USA and returning to Brazil. The data were analyzed using Bardin's content analysis methodology. In the analysis of all the interviews, a change in the living of returned emigrants was noticed, even if the change is not seen concretely, but it exists in the desire, in the desire to see such a change, such as building an island in the kitchen of the house built in Governador Valadares, to look like the kitchen of the house that was inhabited in the United States. Being in a territory with different habits and customs impacts in the perception of the meaning of inhabiting, and when returning, this experience is adapted to local conditions, and then, the migratory experience modifies the organization of the house and the sense of inhabiting.

Keywords: International Emigration, Home Architecture, Territory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 2 - O HABITAR EM UM CONTEXTO DE MIGRAÇÃO INTERNACIONAL	12
2.1 A MIGRAÇÃO E SUAS MARCAS NO TERRITÓRIO	12
2.1.1 Reflexões teóricas sobre a migração internacional	16
2.1.2 Território, desterritorialização e reterritorialização: elementos constitutivos do ser migrante	22
2.2 HABITAR EM UM TERRITÓRIO: O LAR E A CASA	30
2.2.1 Histórico do habitar no Brasil	31
2.2.1.1 A evolução da arquitetura e do uso da cozinha	36
2.2.1.2 A evolução da arquitetura e do uso da sala	42
2.2.1.3 A evolução da arquitetura e do uso do quarto	50
2.2.2 A casa e o lar como território das memórias	53
CAPÍTULO 3 - O CAMINHO METODOLÓGICO	58
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	60
3.2 DESENHO DA PESQUISA.....	61
3.3 COLETA DE DADOS	64
3.4 ANÁLISE DOS CASOS	65
3.5 RESULTADO FINAL OU RESPOSTA À QUESTÃO CENTRAL.....	67
CAPÍTULO 4 - IMPLICAÇÕES DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA NA ARQUITETURA DOMICILIAR E MODOS DE MORAR	68
4.1 ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS NA ARQUITETURA DOMICILIAR NA REGIÃO DE ORIGEM	68
4.2 UM PANORAMA DA ARQUITETURA DOMICILIAR NOS ESTADOS UNIDOS	71
4.3 A CONCEPÇÃO DE MORAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA	76
4.4 O MODO DE HABITAR APÓS A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA	84
5 CONCLUSÃO (SUGIRO MUDAR PARA CONSIDERAÇÕES FINAIS)	94
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	103

1 INTRODUÇÃO

A região de Governador Valadares é conhecida mundialmente pelo fenômeno da migração internacional. Tal movimento começou na década de 1960, quando alguns estudantes de escolas de língua estrangeira foram aos EUA fazer intercâmbio e perceberam a possibilidade de trabalhar, juntar dinheiro, retornar e fazer investimentos, garantindo assim, melhores condições de vida. Essa informação circulou entre os jovens da classe média local, que de posse do visto de trabalho, foram os primeiros emigrantes. O ápice desse movimento migratório aconteceu na segunda metade da década de 1980, período de grande instabilidade econômica no país, que afetou profundamente a região. Ao longo dos anos anteriores formou-se uma rede de migração entre o local de origem e destino, que tornou mais acessível a migração. Além disso, mecanismos facilitadores para emigrar foram surgindo¹ e tornando alcançável o projeto migratório. Esses foram alguns dos fatores que possibilitaram o grande movimento emigratório neste período de crise econômica (SIQUEIRA, 2018).

A migração é um movimento que envolve projeto de emigrar, a permanência no país de destino e o retorno. Para Sayad (2000), o retorno está diretamente ligado ao projeto migratório, mesmo que ele nunca se efetive. Os emigrantes da região de Governador Valadares migram em busca de uma melhor condição de vida, tendo como principal objetivo adquirir bens que não conseguiriam com o trabalho no Brasil. A casa própria é um dos bens que estava na lista de desejo dos emigrados.

No país de destino, no caso deste estudo, os Estados Unidos, o clima, os hábitos, os costumes, as configurações das cidades são diferentes, o que gera estranhamento, mas, também, novas experiências. A casa, local de abrigo e privacidade, apresenta nova arquitetura e o modo de habitar também é diferente. É exatamente sobre essa experiência que este estudo busca fazer uma reflexão.

A casa evoluiu de forma parecida nos EUA e no Brasil. Fazem parte dela sala, cozinha, banheiro e quartos. Os cômodos evoluíram a partir de um único espaço, onde as pessoas dormiam e cozinavam, e, quando necessário, recebiam outras pessoas.

No Brasil, a casa, logo nos primeiros anos da colonização, eram construções portuguesas feitas em outro território, já que a mão de obra e o saber eram portugueses. A partir do século XVII surge o primeiro exemplar da casa tipicamente brasileira, a casa do senhor do engenho. Só a partir do século XVIII os centros urbanos, principalmente em Minas,

¹ Agências de turismo que organizavam a viagem para o Consulado Americano em busca do Visto de Turista, falsificação de passaporte, agenciadores para a travessia pela fronteira do México, etc.

têm um crescimento acentuado, por conta da extração do ouro e pedras preciosas. A casa urbana passa a ter importância no cenário nacional.

No século XX grandes mudanças marcam a evolução da casa. Aqui no Brasil, influenciada pelo cinema e pelo *american way of life*, a cozinha se abre para a sala, porém, tal mudança não funciona muito bem, já que a casa ficava com cheiro de fritura. Tal transformação só cai no gosto dos moradores brasileiros, principalmente das classes mais abastardas, no início dos anos 2000 e segue até os dias de hoje.

Viver em um novo território traz implicações. Para Haesbaert (2013), o emigrante sai de sua cidade de origem e leva com ele tudo o que ele é a partir da sua cultura e vivência do seu lugar. Ele chega a outro território e encontra elementos presentes no cotidiano totalmente diferentes do que estava acostumado. Apesar do estranhamento inicial, ele vai se adaptando a este novo modo de viver. Assim, ele absorve novos hábitos e novos saberes. Ao retornar já não é mais o mesmo e o território que ele deixou também se modificou. Alguns não se adaptam ao país de origem e retornam ao país de destino, tornando-se assim, um ser transterritorial, pois vive em trânsito entre dois territórios.

Pallasmaa (2017) destaca a importância do lar para os habitantes de uma casa. Para o arquiteto, a casa é o local em que guardamos nossas memórias, nossos desejos e sonhos. Para ele, a arquitetura tem o encargo de não somente ser o abrigo físico para nossos corpos, mas também, para acomodar nossos anseios e vontades. A casa que ficou no país de origem guardava sonhos e desejos, a casa do país do destino, também os guarda. Neste ponto é que se coloca a questão central que este estudo pretende refletir, ou seja, em que medida a experiência migratória influencia o habitar do migrante no retorno?

Pallasmaa (2017) cita que as nossas identidades culturais não conversam somente com os espaços físicos aos quais pertencemos, mas também com os elementos culturais e simbólicos do território vivido. Quando estamos inseridos em novos contextos tentamos dar continuidade à cultura e à vida que tínhamos, mas também absorvemos os novos elementos culturais em nossa rotina, e conseqüentemente, no modo de habitar. Sendo assim, nos questionamos: viver a casa americana é diferente de viver a casa brasileira? Quais hábitos brasileiros permanecem e quais hábitos americanos são incorporados na vivência doméstica ao retornar para o país de origem?

Na presente pesquisa, foram selecionados sete emigrados que viveram mais de cinco anos nos Estados Unidos e retornaram para a região de Governador Valadares, tendo comprado, reformado ou construído a casa própria. Seus nomes foram alterados para garantir

a privacidade destes, sendo substituídos por nomes tradicionalmente americanos².

Nesta pesquisa, buscamos investigar em que medida a transterritorialidade do retornado da microrregião de Governador Valadares é vivenciada em sua residência, construída ou reformada, numa perspectiva simbólica ou material. Reunimos todos os questionamentos em uma questão central: De que maneira é apresentada a transterritorialidade do retornado valadarense na sua arquitetura domiciliar? Neste sentido, o principal objetivo é compreender a influência da transterritorialidade dos emigrados retornados dos EUA, para a microrregião de Governador Valadares, na reconfiguração da arquitetura domiciliar e sua vivência.

Vários estudos relevantes, discutindo a migração internacional na microrregião de Governador Valadares, foram realizados, permitindo assim, uma maior compreensão dos efeitos do fenômeno sobre o território e fornecendo subsídio para políticas públicas e ações da sociedade civil para minimizar seus efeitos danosos, contudo, nenhum deles aborda o impacto desse movimento sobre a arquitetura domiciliar e o modo de habitar. Este estudo pretende contribuir para a compreensão do fenômeno preenchendo esta lacuna. A relevância da pesquisa reside exatamente neste ponto, uma vez que trata de uma reflexão que está apoiada no tripé migração, arquitetura e o modo de habitar em um território.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, temos a base para a compreensão do processo migratório na microrregião de Governador Valadares, e também sobre o habitar a casa e o processo histórico desta, além da fundamentação teórica acerca do território, tanto o território físico quanto o território das memórias.

No segundo capítulo, temos a metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada como coleta de dados e a análise de conteúdo para investigação dos dados. O terceiro capítulo dedica-se à análise e reflexão dos dados coletados no que diz respeito a vivência dos participantes, tanto na casa no país de origem, quanto no país de destino. Por fim, as considerações finais nos trazem reflexões sobre essa transterritorialidade, bem como sobre as mudanças que acontecem ao vivenciar por muito tempo um lugar diferente do seu, culminando com uma resposta aos objetivos propostos e à questão central que norteia este estudo.

² Estudo aprovado pelo Comitê de Ética – Parecer.

CAPÍTULO 2 - O HABITAR EM UM CONTEXTO DE MIGRAÇÃO INTERNACIONAL

2.1 A MIGRAÇÃO E SUAS MARCAS NO TERRITÓRIO

O fluxo migratório de pessoas é um fenômeno vivenciado em diversas épocas da história humana. Podemos observar esse movimento migratório na bíblia, sendo um dos casos, o êxodo dos judeus do antigo Egito em aproximadamente 1200 a.C.

Se buscarmos na nossa própria história notaremos que o Brasil, desde o seu descobrimento, é lugar das migrações. Migrações dos portugueses que vieram como colonizadores tomar posse do território, então colônia de Portugal; migração forçada dos africanos que aqui chegaram como força de trabalho escravo, entre os séculos XVI e XVII, e, na segunda metade do século XIX, imigrantes italianos que chegaram para substituírem a mão de obra escrava nas lavouras de café. Entre 1904 e 1930 foi a vez de poloneses, russos e romenos pisarem em território brasileiro e de “modo menos expressivo que os anos anteriores, de 1932 a 1935, registra-se a chegada de imigrantes japoneses” (SIQUEIRA, 2004, p. 2).

Até a década de 1960, o território brasileiro era um ponto de chegada de imigrantes, então esse panorama muda. Segundo Siqueira *et al.* (2017), os primeiros emigrantes laborais brasileiros partiram de Governador Valadares nesta década. Esse movimento cresce ao longo dos anos, englobando principalmente as cidades da Microrregião de Governador Valadares³ nas décadas seguintes. Desde o início, o principal destino são os Estados Unidos da América.

Governador Valadares (Fig. 01) é uma cidade de médio porte situada no leste do estado de Minas Gerais. Estima-se que a cidade tenha, atualmente, aproximadamente 282.164 habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). A cidade se estabelece aos pés da pedra da Ibituruna, na margem esquerda do rio Doce em sentido oeste-leste.

Na década de 1910, a então Figueira do Rio Doce teve seu primeiro contato com alguns americanos que vieram à região para a construção da linha férrea. Depois disso, na década de 1940, durante a segunda guerra mundial, os americanos retornaram à já emancipada Governador Valadares para extração da mica, que era utilizada na “fabricação de materiais elétricos e instrumentos de precisão, servindo de matéria-prima necessária para a indústria

³ A microrregião de Governador Valadares é composta por 25 municípios, a saber: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocência, Galileia, Governador Valadares, Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Mathias Lobato, Nacip Raydan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixo, São José da Safira, São José do Divino, Sobrália, Tumiritinga e Virgolândia.

bélica” (ESPINDOLA, 2015, p. 01), porém, com o fim da guerra “ocorreu a retração do mercado e, em seguida, seu esgotamento provocado pelo avanço tecnológico da indústria eletroeletrônica” (ESPINDOLA, 2015, p. 01).

Foi com investimento americano também que o Serviço Especial de Saúde Pública – SESP se instalou na cidade para o tratamento da malária (SIQUEIRA, 2004). Fontana e Guedes (2004, p. 101) afirmam que “[...] essa presença mesmo que temporária deixou na lembrança dos moradores a ideia de modernidade, de progresso e de ganhar dólar, assim nesse imaginário que se criou da América se encontra a explicação para esse fluxo migratório”.

Nos anos 1960, alguns jovens de classe média embarcaram para um intercâmbio cultural oferecido por uma escola de inglês da cidade. Estando lá, perceberam a facilidade de trabalho, e assim, ganhar dinheiro rápido. Essa percepção foi informada a outros jovens que seguiram em busca de trabalho. Esses primeiros que emigraram na década de 1960 eram jovens de classe média, falavam inglês e emigraram com visto de trabalho. Esses indivíduos foram os pontos iniciais de um movimento que se estende ao longo das décadas seguintes, formando uma pequena comunidade de brasileiros na região da Nova Inglaterra (SIQUEIRA *et al.*, 2017).

O sucesso desses primeiros emigrantes constituiu os pontos iniciais da rede de contato nos Estados Unidos da América, conforme afirma Assis (1999, p. 131) “os primeiros emigrantes, ao retornarem com seus relatos, contribuíram para alimentar o sonho de outros valadarenses de ir para a América”. Vale ressaltar aqui a relevância das redes sociais no processo migratório, as primeiras ligações que estruturam uma rede de apoio tanto no país de destino com o auxílio aos que chegam, quanto no país de origem no suporte para a execução do projeto de emigrar.

Diversos autores (SIQUEIRA, 2004; PAIVA E LEITE, 2014; MACHADO, 2009; SOUSA *et al.*, 2014; FONTANA e GUEDES, 2004; SALES, 1999) apontam que o fenômeno da migração internacional para os Estados Unidos, existente na região de Governador Valadares, atingiu seu ápice durante a década de 1980, período de uma grave crise econômica no país. Foi nesse período que houve o *boom* da emigração Valadarense para os Estados Unidos, tornando a cidade conhecida, nacional e internacionalmente, como uma cidade de emigrantes.

A crise da economia levou os Valadarenses a tentarem a vida em outro país, sendo, segundo Fontana e Guedes (2004, p. 102) “o ano de 1987 o ano que mais migraram Valadarenses”. Na década de 1990, percebeu-se que por todo o Brasil existiam pontos de origem de emigração internacional, porém, no estado de Minas Gerais permanece uma

relevante concentração (SOARES, 2006), comprovando o que afirma Paraguassu (2013), de que até 2013, 40% dos brasileiros da cidade de Framingham, no estado americano de Massachusetts, era da microrregião de Governador Valadares, número duas vezes maior entre as décadas de 1980 e 1990.

Nos anos 2000, intensificaram os entraves para a migração Valadarense para os Estados Unidos. O atentado às Torres Gêmeas em Nova York, e conseqüentemente, uma maior fiscalização das fronteiras e a crise imobiliária americana, fez com que houvesse uma redução da emigração e um aumento no retorno dos emigrantes Valadarenses. Por outro lado, o Brasil “passou por grandes mudanças econômicas e sociais que impactaram positivamente na sua imagem no cenário internacional, no poder de consumo e na conseqüente melhoria da qualidade de vida de sua população em geral” (SOUSA, 2016, p. 21). Com tais transformações, percebidas nos Estados Unidos e no Brasil, “talvez se esperasse observar o desestímulo à emigração internacional de brasileiros e a redução ou estagnação dos volumes de saída em direção à América do Norte” (SOUSA, 2016, p. 21), contudo, conforme afirma Siqueira e Santos (2012), o movimento migratório continuou, com menos intensidade, em função das redes existentes e da cultura migratória.

Essa rede, criada pelos primeiros emigrantes da microrregião de Governador Valadares, na região da Nova Inglaterra, foi de grande relevância para os emigrantes que partiram para os Estados Unidos na década de 1980. Foi a rede social, estabelecida no país de destino, que criou e consolidou a cultura migratória em Governador Valadares e sua microrregião ao longo destes mais de 50 anos de fluxo migratório.

As redes migratórias são definidas por Massey (1988, p. 396) como “complexos de laços interpessoais que ligam os migrantes e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”.

Truzzi cita Kelly, onde descreve as redes migratórias como sendo também

[...] agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos (KELLY, 1995, p. 219 *apud* TRUZZI, 2008, p. 203).

Deste modo, tais vínculos criados pelos emigrados com seus familiares, amigos e conhecidos, que vivem na cidade de origem, acabam sendo influenciadores na vontade de emigrar, e assim, mantêm-se a cultura da migração no território de origem. As informações concedidas por parentes e amigos, das oportunidades e dificuldades de se emigrar aos Estados

Unidos, são valoradas e muito relevantes para o projeto migratório (TRUZZI, 2008).

Sousa sintetiza bem a cultura da migração na Microrregião de Governador Valadares:

A formalização de uma rede social migratória foi a responsável de fato pelo aumento do fluxo emigratório para os EUA, pois a partir da criação e ampliação da rede social da migração o sistema migratório passou a organizar tanto um “mercado da migração” quanto a reproduzir uma espécie de ‘cultura de migrar’, que num processo recursivo de causação cumulativa (MASSEY, 1990), determinaria a expansão e fortalecimento das redes de migração existentes entre diferentes regiões na origem e no destino (SOUSA, 2016, p. 20-21).

Figura 01: Governador Valadares.



Fonte: <http://www.valadares.mg.gov.br>.

A cultura da migração está presente no cotidiano da população da região de Governador Valadares. São muitos os anseios que englobam o projeto migratório, dentre eles, melhorar de vida, viver em um território mais seguro com a família, ir ao encontro de familiares. Vários estudiosos (SALES, 1999; SOARES, 2006; ASSIS, 1995; SIQUEIRA, 2009) do fenômeno migratório da região de Governador Valadares demonstram que está presente nessa mobilidade o desejo de comprar ou reformar a casa, comprar um carro e montar um negócio quando retornarem. É importante destacar que, segundo esses estudiosos, ao longo dos anos esses projetos mudam, contudo, ainda fazem parte da perspectiva de muitos emigrantes. Dentre os diversos desejos daqueles que emigram, um é de extrema relevância para a presente pesquisa: a construção, reforma ou compra da casa própria. Nessa perspectiva, relembremos que o objeto central desta dissertação é compreender a influência da experiência migratória dos retornados dos EUA para a microrregião de Governador Valadares, na reconfiguração da arquitetura domiciliar e sua vivência.

Discutiremos, mais adiante, a importância da casa e do lar na vida das pessoas, em seu sentido físico e simbólico. Aqui, é importante destacarmos dois pontos fundamentais para compreendermos o projeto de adquirir ou reformar a casa – o envio das remessas e o retorno para a cidade de origem.

Neste estudo, as remessas se constituem no montante de dinheiro enviado dos Estados Unidos para o Brasil pelos emigrantes. De acordo com o *Jornal Valor Econômico*⁴, o montante enviado pelos emigrantes residentes nos Estados Unidos totalizaram US\$ 66,6 bilhões em 2016.

Nessa perspectiva, Martes e Soares (2006) salientam que grande parte dos emigrados Valadarenses enviam remessas mensalmente para os parentes com diversas destinações, como a manutenção da família, aquisição de bens de consumo, e compra, construção ou reforma da casa própria.

Várias são as motivações do projeto de migrar, que envolvem fatores objetivos e subjetivos. Existem tipologias sobre as teorias da migração que

[...] diferenciam os migrantes de acordo com a permanência, a distância, a natureza das fronteiras cruzadas e as características dos migrantes. Além disso, uma das mais marcantes diferenciações entre os tipos de migração é a que separa os deslocamentos entre forçados e voluntários (CAMPOS, 2015, p. 275).

As recentes migrações de brasileiros para os Estados Unidos da América acontecem no contexto dos fluxos migratórios contemporâneos. Para compreender a mobilidade da população dessa região é importante refletir sobre as teorias da migração. As diversas teorias que buscam explicar a mobilidade humana na contemporaneidade se assentam em aspectos micro e macro. Vale ressaltar algumas das teorias migratórias mais relevantes que permitiram a compreensão do fenômeno analisado.

2.1.1 Reflexões teóricas sobre a migração internacional

As teorias econômicas são baseadas nas premissas da teoria neoclássica, em que a migração de trabalho acontece pela diferença salarial existente em territórios distintos, ou seja, o indivíduo migra, pois tem noção e conhecimento de que receberá um salário maior em um determinado local ou país, do que em seu país de origem. Assim, a migração é uma

⁴ Este trecho é parte de conteúdo que pode ser compartilhado utilizando o link: <https://www.valor.com.br/internacional/5345859/fluxo-de-remessas-de-emigrantes-pode-chegar-us-616-bi> acessado em: 07 de março de 2019.

escolha de cada um para aumentar os ganhos (GUIMARÃES, 2009). Além dos movimentos migratórios serem motivados pelas diferenças salariais entre os distintos territórios, também são motivados “por diferenças nas taxas de emprego. Deverá existir pelo menos uma destas diferenças para que o movimento migratório ocorra. As migrações ocorreriam até o ponto em que fossem equalizadas as expectativas de renda” (SANTOS, *et al.*, 2010, p. 57).

Também encontramos a Teoria do Capital Humano: Análise de custos e benefícios se apoia na teoria de Gary Becker, “de que os indivíduos avaliam racionalmente os custos e os benefícios de suas várias atividades e hábitos” (SANTOS, *et al.*, 2010, p. 57). O capital humano é uma reunião de conhecimentos, experiências e habilidades adquiridas pelo trabalhador.

[...] o ato de migrar estaria condicionado a este tipo de cálculo racional, que também seria aplicado ao processo de tomada de decisão dentro das famílias – tais como casamento, separação e tamanho da família de (Becker, 1993). No caso específico da educação, Becker considera que os investimentos levariam a um aumento na renda e na produtividade dos indivíduos, pelo fato de proporcionarem a eles conhecimento, habilidades e uma capacidade de analisar e resolver problemas (SANTOS, *et al.*, 2010, p. 57).

Na Teoria argumentada pelos Novos Economistas da Migração do Trabalho, a hipótese trabalhada é de que a decisão de migrar não mais está nas mãos de um único sujeito, mas em um grupo de indivíduos, que de alguma maneira se interligam, pois “Muda-se o foco da análise, centrada não mais no indivíduo, mas no domicílio ou outra unidade de produção e consumo, culturalmente definida” (SANTOS, *et al.*, 2010, p. 58). As partes responsáveis pela migração seriam a junção dos ganhos de toda família, e não de um indivíduo só.

Já na Teoria Macroeconômica Neoclássica, (SANTOS, *et al.*, 2010 p. 61) afirma que “a migração seria explicada pelas diferenças geográficas de oferta e demanda por trabalho”. Assim, o mercado de trabalho é considerado o mecanismo primário que induz os movimentos migratórios, sendo que estes não sofreriam efeitos relevantes dos demais mercados. O movimento de pessoas então seguiria a oferta de emprego em que há falta de mão de obra, e assim, os salários são maiores e vice e versa. Com a intensificação dos fluxos migratórios, haveria uma queda na oferta de trabalho e os salários subiriam em países carentes de capital e com excesso de mão-de-obra.

Nas Teorias do Tipo Histórico-Estruturalistas destacamos os trabalhos de Germani (1974) e Singer (1976). O primeiro autor afirma que, dependendo do modelo que for aplicado para analisar, a migração “deve levar em conta não apenas fatores expulsivos e atrativos, como também as demais condições sociais, culturais e subjetivas em que tais fatores operam,

tanto no que diz respeito ao lugar da residência, como no que diz respeito ao lugar de destino” (GERMANI, 1974, p. 143). Para Germani (1974), a migração é um processo de mobilização social. Existe a necessidade de informação acerca do local de destino para que haja maior confiança do indivíduo que migrará. Essas informações transitam nas redes.

Santos *et al.* (2010, p. 12) acrescenta, ainda, que

A análise da migração deve se dar, então, em três níveis. O primeiro nível seria o ambiental, composto pelos fatores de expulsão e de atração, pela natureza e condições das comunicações, de contato e acessibilidade existentes entre as áreas de origem e destino. O segundo nível, o normativo, seria composto pelos papéis, expectativas e padrões de comportamento socialmente institucionalizados, que forneceriam o referencial dentro do qual os indivíduos conseguiriam perceber e avaliar as suas condições objetivas de existência. O último nível de análise seria o psicossocial, ou seja, devem ser consideradas as atitudes e expectativas dos indivíduos concretos.

Segundo Singer (1976), não há como separar a migração do desenvolvimento global, que é desigual. Nesse caso, o que impulsionaria a migração seriam as desigualdades, uma vez que “A industrialização levaria à concentração das atividades econômicas, gerando desequilíbrios regionais que, por sua vez, motivariam as migrações” (SANTOS *et al.*, 2010, p. 12).

Importante também ressaltar que o papel das redes sociais na migração tem sido de objeto de muitos estudos. Tendo visto algumas das principais teorias da migração, entendemos que o processo migratório na Microrregião de Governador Valadares, como sintetiza Sousa (2016), se dá a partir de um processo social, em que essa locomoção acontece com o suporte da relação entre migrantes e não migrantes, e também dos lugares expulsos e receptores.

Nessa perspectiva, concordamos com Siqueira (2009) quando afirma que, isoladamente, nenhuma teoria consegue explicar o movimento migratório contemporâneo. As redes, a cultura da emigração e os fatores econômicos de aumento dos ganhos e melhoria da capacidade de consumo formam um conjunto de fatores que tornaram esse fenômeno presente no cotidiano da cidade de Governador Valadares.

Dito isso, podemos considerar que os fatores econômicos, sejam eles de atração ou repulsão, como destaca a teoria neoclássica, são fatores importantes a serem considerados na decisão de migrar. Ganhar dinheiro para adquirir bens no Brasil é o que instiga boa parte dos que partem para uma nova vida em um território desconhecido. Siqueira (2009) e Machado (2009) expõem as possibilidades e entraves de entrada no tão sonhado território dos Estados Unidos da América. Dois são os caminhos para essa entrada para trabalhar: documentado ou

indocumentado. A documentação exigida para os emigrantes entrarem em território americano é o visto de turista, contudo, quando começam a exercer alguma atividade profissional tornam-se indocumentados. A forma documentada para exercer uma atividade profissional é com visto de trabalho, o que a maioria não consegue⁵. Na impossibilidade de uma entrada documentada no território norte-americano, muitos buscam alternativas como passaporte falso ou travessia irregular de fronteiras.

Machado (2009, p. 171) elucida bem o papel dos agenciadores neste processo:

Os agenciadores da emigração constroem estruturas que envolvem, além de sistemas de empréstimos, como o esquema ilícito de agiotagem, segmentos de serviços que apresentam regularidade perante a lei brasileira, como no caso das agências de viagens, que auxiliam a entrada do imigrante no país de destino.

Siqueira (2004) afirma que muitos dos que emigram, o fazem com financiamento da família, e outros utilizam poupanças ou a venda de bens, e até empréstimos bancários para arcar com os custos do visto ou da passagem pela fronteira do México.

Independentemente da forma de entrada, o emigrante laboral se destina ao mercado de trabalho secundário, ou seja, executam atividades que são rejeitadas pelos americanos nativos (FONTANA *ET AL.*, 2004). Além disso, as jornadas de trabalho são longas e noturnas, podendo também ocupar o fim de semana.

Para Fontana *et al.* (2004), a causa da migração para os EUA se dá para ganhar dinheiro e comprar dois imóveis, sendo um para moradia e outro para aluguel. E esse processo acaba envolvendo a família que administra e recebe as remessas enviadas pelos emigrantes. Já Martes e Soares (2006, p. 41) citam que a maioria das remessas enviadas para a cidade ou região de destino são designadas para despesas diárias, “ou seja, o dinheiro é usado para complementar o orçamento familiar daqueles que permaneceram, para aquisição de aparelhos domésticos, melhorias nos domicílios (reformas e construções) e aquisição de bens de consumo de curto prazo”, melhorando assim, o poder de compra da família que permaneceu na origem. Investem também em pequenos comércios, pequenas propriedades rurais e imóveis.

⁵ Os vistos de trabalho são os vistos H. Para consegui-lo, o interessado precisará de uma petição de trabalho (Form. I-129) submetida pelo empregador americano que precisará ser aprovada pelo Serviço de Cidadania e Imigração dos Estados Unidos (USCIS). São três os tipos de visto para trabalho, o visto H-1B, concedido para ocupação de especialista, visto H-2B trabalhador qualificado e não-qualificado para trabalho sazonal em que se comprove escassez de mão de obra americana e o visto H-3B Estagiário Acessado em 03/11/2020 <https://br.usembassy.gov/pt/visas-pt/ver-todos-os-vistos/vistos-de-trabalho-temporario-incluindo-o-visto-de-estagiario-h-3/>.

Soares (2006) ressalta que boa parte do que o emigrado recebe é destinada para investimento, principalmente no setor imobiliário. Segundo o autor, “os emigrantes foram responsáveis, em Valadares, por 36% do total de transações realizadas com terrenos, casas, apartamentos e comércios: mais de 1/3 de todas as operações imobiliárias entre 1984 e 1993, incluindo os extremos” (SOARES, 2006, p. 45). Destaca-se que esta é uma consideração para esse período específico, meados dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, ou seja, o período do *boom* da emigração valadarense. Decorridos quase 30 anos esse perfil mudou, contudo, estudos recentes como Siqueira (2018), destacam a continuidade do fluxo e o envio de remessas.

Com a aquisição da casa própria, o ciclo do projeto migratório se fecha e outra dinâmica importante acontece: o retorno⁶. Depois de anos numa rotina distinta da sua terra natal é chegada a hora de voltar a vivenciar o território brasileiro e a casa. Para um dos grandes estudiosos do tema, Sayad (2000), o retorno é componente básico do projeto migratório e está vinculado a ele. Só se fecha o ciclo do projeto migratório ao se retornar à terra natal.

A ideia do retorno está intrinsecamente circunscrita à denominação e à ideia mesma de emigração e imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures (SAYAD, 2000, p. 11).

Pereira e Siqueira (2013, p. 126) analisam a concretização do retorno à cidade e região de origem. As autoras mostram que, com a crise nos EUA, alguns emigrantes anteciparam sua volta, já que o mercado secundário, em que trabalham a maioria dos emigrantes, teve uma significativa redução de demanda. Além disso, as autoras frisam um ponto interessante, que é a ostentação de quem volta. Há que se voltar melhor do que se foi, pois, “retornar sem demonstrar o ‘sucesso’ do projeto migratório é extremamente penoso para o emigrante”. Sayad (2000, p. 16) ainda complementa que, mostrar o poder de compra ou a ascensão social, é mais importante do que retornar rico de fato, já que “a aparência conta mais que a realidade”.

Depois de anos de trabalho e da realização de investimentos na terra natal muitos voltam e a visibilidade destes é estampada nas casas grandes, coloridas, nos carros e mudança no padrão de vida. Os anos de privações, discriminação e trabalho duro no país de destino não são visíveis; aqueles que não obtiverem o sucesso econômico

⁶ Sabemos que para muitos migrantes o ciclo não se fecha, pois acabam em um processo de circularidade PEREIRA, Sônia e SIQUEIRA, Sueli (2013), mas para este estudo nos interessa os que retornam e completam o ciclo, inclusive na construção, compra ou reforma da casa.

são esquecidos; porém a marca dos bem-sucedidos é extremamente visível (PEREIRA e SIQUEIRA, 2013, p. 126).

Os motivos de retorno, de acordo com as autoras, se resumem na crise econômica enfrentada no país de destino na segunda metade da década de 2000 e no medo da deportação. Ou seja, a insegurança de vivenciar aquele território, além da saudade da família, e uma pequena parte, o planejamento do projeto migratório, retornar já estava nos planos.

Sousa (2016) reitera que, durante a década de 2000, ocorreu uma alteração no processo funcional e econômico da emigração internacional de valadarenses para os Estados Unidos. Por um lado, o estouro da bolha imobiliária, juntamente com a desvalorização do dólar, a crise na economia mundial e a crescente fiscalização das fronteiras após os atentados de 11 de setembro de 2001, pesaram negativamente no retorno planejado e na decisão racional de permanecer naquelas terras. Na outra mão, o Brasil experimentava seu melhor momento no cenário internacional, em que aliou seu rompante econômico com a melhoria da qualidade de vida de sua nação. Retornar para o Brasil tornou-se uma decisão mais sensata e agradável do que em tempos anteriores.

Outro ponto interessante, salientado por Siqueira (2007), em seu artigo ‘O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA’, é a volta à condição de migrante dos retornados à região de origem. O plano de retorno existe, mas estando em território natal há dificuldade de adaptação ou mau investimento do montante acumulado ao longo dos anos de trabalho, o que faz com que o migrante volte a emigrar.

Como afirma Sayad (2000), não se vive impunemente em outra cultura. Adquirem-se hábitos e costumes que mudam o jeito de ser e ver o mundo. A experiência de viver e morar em um território distinto do território natal faz com que o emigrado altere sua maneira de habitar a casa, uma vez que no Brasil temos alguns hábitos diferentes dos hábitos Estadunidenses.

O emigrado chega ao país de destino, onde a vivência da cidade e seus hábitos são distintos dos que ele conhece, assim, nessa trajetória migratória conhece e vivencia maneiras diferentes de habitar, se submetendo a novas normas e regras deste território. Questiona-se então, de que maneira essa experiência vivenciada em diferentes territórios, ou seja, a transterritorialidade influencia o habitar do retornado em sua nova casa no país de origem?

A migração, na modernidade, era analisada baseada na quantificação, tendo o fator econômico como “único definidor da mobilidade espacial da população” (MONDARDO, 2012, p. 34). O migrante era força de trabalho para locais onde havia mais necessidade segundo as desigualdades de cada local. O migrante acaba se tornando um produto acidental

no processo, sem vontade própria (PÓVOA NETO, 1997).

Após a década de 1970, novos princípios foram agregados aos estudos da migração, considerando aspectos além do econômico, conforme destaca Mondardo (2012, p. 35):

Novos elementos estão sendo incorporados à luz do contexto pós-moderno como os processos identitários (de conflitos e alteridade), da relação eu/ outro, da subjetividade, do cotidiano, do duo ausência e presença, das representações, da memória individual e coletiva, das redes de relações sociais e das estratégias espaciais mobilizadas no processo da migração.

Os sonhos e desejos, os anseios e vontades dos migrantes, passam a ser também, condicionantes do processo migratório. Neste sentido, os aspectos subjetivos, os sentimentos e percepções daqueles que migram, considerando o indivíduo e sua cultura, bem como os aspectos políticos nos processos migratórios, são considerados na compreensão e explicação da mobilidade humana (MONDARDO, 2012). A migração deve ser compreendida em todas as análises, tanto econômica quanto cultural. Trata-se, portanto, como afirma Mondardo (2012), de um processo multidimensional, multiterritorial, multitemporal, que evidencia aspectos culturais, econômicos e políticos.

Para a análise da experiência migratória no habitar ao retornar é importante discutirmos o conceito de território, pois este aborda tanto a questão material do fenômeno migratório quanto a questão subjetiva. No ato de migrar insere-se a des-re-territorialização, onde o migrante sai do seu território de origem e se reterritorializa no território de destino, e no retorno, o migrante acaba vivenciando uma nova territorialidade, pois tanto ele quanto o território de origem são outros, ou seja, passaram por transformações. Dessa forma, se faz necessário compreender o que é território, o que constitui a territorialidade desse migrante no destino e na origem ao retornar, e se a transterritorialidade do migrante, no retorno, se faz presente e visível no seu habitar.

2.1.2 Território, desterritorialização e reterritorialização: elementos constitutivos do ser migrante

O território pode ser definido por diversas linhas de pensamento. Ele pode ser um espaço físico, muitas vezes descrito como normado, território delimitado cartograficamente, que envolve a natureza e a ação humana, assim sendo, em muitas ocasiões, assim é entendido o território. Porém, há outra maneira de se conceituar e ver o território, que seria o território simbólico, que enfatiza o vínculo e pertencimento dos agentes àquele lugar. Para Soares Junior e Santos (2018, p. 8) “o território pode ser um constante devir, um objeto em

permanente construção, formado a partir de interações múltiplas e, assim, pode ser entendido como a esfera que possibilita a existência da multiplicidade, onde trajetórias diversas coexistem”.

Rogério Haesbaert, autor que embasará as análises de território no presente trabalho, entende o território como um híbrido, em que se pode perceber as vertentes jurídico-política, culturalista, econômica e naturalista/biológica. Para ele, território é fluidez, interconexão, expondo assim, a multidimensionalidade do conceito de território.

Logo, é importante compreendermos o território e a territorialidade para uma melhor análise do nosso objeto de estudo, que é a casa do retornado Valadarense. A territorialidade absorvida pelo emigrante em território distinto se mostra presente na casa construída no território de origem?

Na presente pesquisa utilizaremos o conceito de território de Rogério Haesbaert (2004, p. 1), que como foi dito anteriormente, segue uma linha de pensamento em que o território é um híbrido.

Para ele, o território

[...] nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreoterror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo - especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no "temtorium" são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 2004, p. 1).

Para o autor, o território também está relacionado com poder, “território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação” (HAESBAERT, 2004, p. 1). Em tal definição, podemos visualizar o emigrante Valadarense, que anseia pela permissão de adentrar o território estadunidense em busca de uma nova vida, porém, sua sorte está nas mãos dos funcionários dos consulados americanos no Brasil, e até dos agenciadores que os levam para cruzar as fronteiras ilegalmente. É o poder sendo exercido em dados territórios físicos e imagináveis. Sem documentação para habitar e trabalhar no território estadunidense vivencia o medo da deportação diariamente. Neste sentido, os espaços étnicos e religiosos são fundamentais para sua reterritorialização.

Haesbaert, seguindo sua linha de pensamento, do território como um híbrido, no sentido material e no sentido simbólico, enfatiza que esse território é sempre múltiplo, "diverso e complexo" (HAESBAERT, 2007, p. 21). O território, para o autor, é entendido como movimento, fluidez, num contínuo, dando origem, assim, ao processo TDR (territorialização, desterritorialização e reterritorialização). Porém, o próprio autor, após anos de reflexão sobre o assunto, percebeu que desterritorialização seria um mito.

Ele entende desterritorialização, numa conotação mais cultural, como um desenraizamento e "enfraquecimento das identidades territoriais" (HAESBAERT, 2003, p. 17). Seria como abandonar o território de origem, assim como o emigrante Valadarense faz ao partir para os Estados Unidos, deixando para trás seu território, mas levando na memória as territorialidades.

Nesse sentido, toda a sua ligação com o lugar e o território não acaba, seus vínculos continuam ali, e com a globalização esses vínculos seguem ainda mais fortes. Assim, os migrantes vão guardando as memórias de sua origem e absorvendo as territorialidades dos distintos territórios de destino e se tornam um ser multiterritorial. Para o autor,

A noção de globalização permite pensar numa sobreposição de territórios, numa territorialidade multiescalar com várias formas de inserção nos circuitos da globalização. Ela destaca também a possibilidade de partilhar mais de um território, tanto no sentido mais literal de sobreposição (simultaneamente "encaixada") quanto da possibilidade (flexibilidade) de acionar, dependendo da situação, diversos territórios ao mesmo tempo. Também nesse caso, aquilo, que numa perspectiva aparece como desterritorializador, pode, na verdade, estar representando a presença ou a possibilidade de vivenciar múltiplos territórios (HAESBAERT, 2003, p. 20).

Devemos enfatizar, como já foi dito, que estamos falando aqui do território de valor simbólico, o abrigo, o lar, a segurança afetiva, sempre levando em consideração que mesmo na concepção simbólica do território, ele envolve uma dimensão material-concreta e as relações de poder, como destaca Haesbaert (2004).

Para Haesbaert e Mondardo (2010, p. 33), esse trânsito por múltiplos territórios leva a uma multiterritorialidade, ou transterritorialidade, em que a territorialização se dá "no e pelo movimento", ou transitar por múltiplos territórios. Para o autor,

[...] a multi ou transterritorialidade também deve ser vista, sobretudo, dentro de um movimento de entrada, saída, e, mais do que isto, de *trânsito* entre diferentes territórios. O que mais importa aqui é a condição de possibilidade, sempre em aberto, de nossa inserção em "território alheio" (que também passa, assim, de forma ambivalente, a ser "nosso"), a abertura desses territórios que coloca permanentemente a possibilidade de entrar, sair e/ou transitar por essas territorialidades (HAESBAERT, 2010, p. 34).

É nesse sentido que trabalharemos a mobilidade dos migrantes da microrregião de Governador Valadares, participantes deste estudo. Um ser que vive em múltiplos territórios. Na memória do território deixado, e todas as lembranças, e os múltiplos territórios vividos na experiência de uma nova vida no território de destino, no convívio com o novo bairro, com o novo trabalho, com as novas nacionalidades dos colegas de trabalho, dos moradores da casa, das ruas, etc.

Mondardo (2012) diz que é nesse ir e vir entre territórios, o de origem e o de destino, que o emigrante cria a sua condição de transterritorial, num processo de oposições entre o pertencer e não pertencer, das relações dos outros territórios que leva na memória, além dos desconfortos de estranhamento, das relações incertas, que causam uma confusão nas referências, fazendo o sujeito pertencer, e até viver, mesmo que na memória, em duas territorialidades, e as vezes, não pertencer a nenhuma.

Esse é o migrante da microrregião de Governador Valadares, que levou consigo as lembranças e maneiras de morar de seu território de origem para um novo território, e estando lá, vivenciou outros territórios, os absorvendo, e mesmo assim, sem deixar de vivenciar o seu território, mesmo que por meio das redes ou telefonemas trocados entre seus familiares e amigos. Os que são documentados retornam, periodicamente, para matar saudades e rever parentes.

No processo de desterritorialização, o emigrante se afasta dos lugares em que sua vida foi constituída, e também se afasta de todas as memórias daquele lugar. Essa desestabilização de estar distante do seu ser-lugar torna o emigrante propenso “à angústia e ansiedade, impondo a necessidade de enraizar-se no lugar de destino” (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2009, p. 3). Assim, o emigrado necessita se estabilizar e se fixar para estabelecer laços de pertencimento e bem-estar, e para tal, necessita se identificar com o lugar.

Havendo essa identificação, o migrante recompõe seu lugar no território de destino, e as redes sociais são extremamente importantes para estabelecer esse laço e, como destaca Marandola Jr. e Dal Gallo (2009, p. 5) “podem ser reconhecidas como uma expressão marcante da importância dos lugares para o indivíduo e fundamentais para a relação do ser-lugar”.

É interessante destacar que nessa confluência de territórios a comunidade étnica surge. Nessa comunidade, nesse território, o migrante consegue vivenciar o território que deixou e o novo território. É nesse lugar que o emigrante “pensa, organiza e vive seu território de maneira semelhante por partilharem uma mesma cultura e um determinado estilo/modo de vida” (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2009, p. 7).

Tal comunidade se difere da origem, mas com as suas marcas predominantes. Comidas, festas, como o *Brazilian Day* em Nova Iorque, cerimônias religiosas são recriadas nesse novo território, possibilitando a territorialização do migrante nesse novo território híbrido. O bairro de Chinatown é um bom exemplo. Na cidade de Newark, no estado de Nova Jersey, cidade com grande concentração de emigrantes brasileiros, uma esquina foi nomeada “*Brazil Square*” em homenagem à comunidade brasileira da cidade (Figura 02).

Figura 02: Imagem de esquina homenageando os brasileiros de Newark, “Brazil Square”.



Fonte: <http://www.brazilianvoice.com/foto5-ruas-ferry-e-chambers>.

Haesbaert (2013) faz uma reflexão sobre a identidade dos migrantes, e destaca que a identidade de uma pessoa é construída, também, pela identidade social definida a partir da apropriação da realidade concreta e simbólica vivida no território para o qual migrou.

[...] a identidade social é também uma identidade carregada, ao mesmo tempo, de subjetividade e de objetividade. Na discussão da identidade territorial, isso aparecerá de forma muito nítida, pois, por mais que se reconstrua simbolicamente um espaço, sua dimensão mais concreta constitui, de alguma forma, um componente estruturador da identidade (HAESBAERT, 2013, p. 236).

O autor afirma que toda identidade territorial é uma identidade social, porém o contrário nem sempre acontece, contudo “de uma forma muito genérica, podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço por seus habitantes” (HAESBAERT, 2013, p. 235), portanto, o processo de se identificar é reflexivo, relacional e como processo nunca se encerra, e, nesse sentido, ela é

múltipla e se define em relação a outras. Ao viver em outro território, o migrante encontra outra realidade concreta e simbólica e traz elementos objetivos e subjetivos do seu território para a reconstrução da sua identidade social com a avenida “*Brazil Square*” (fig.2). Essa placa não é uma simples homenagem, é uma marca da presença social dos migrantes brasileiros neste território.

Por que percebemos que ficamos mais brasileiros quando estamos fora do Brasil? Parece que temos mais amor pela nossa territorialidade. Os mineiros gostam mais de pão de queijo, queijo com goiabada do que quando moram em Minas. Aí está a nossa territorialidade, que se confronta ao encontrar a territorialidade do outro.

O migrante necessita de um lugar para afirmar a sua territorialidade. Percebamos o caso da comunidade brasileira em Newark, estado da Nova Jersey. No bairro Ironbound, está situada, além da comunidade brasileira, a comunidade portuguesa, e como eles dizem, a comunidade hispana. Foi lá que os brasileiros, a partir das redes sociais, se estabeleceram, em sua maioria. Nesse território, os brasileiros vivem e refazem um pedaço do Brasil. Encontramos padarias e lojas com nomes e fotos que remetem ao Brasil (figura 03) e à cidade de origem. São os laços criados para manter as lembranças e memórias vivas, vivendo nestes territórios suas múltiplas territorialidades.

Figura 03: Agência de turismo na cidade de Newark de nome Ibituruna que remete à cidade de origem, tendo a logomarca praticamente igual a da Cooperativa de leite da cidade de Governador Valadares.



Fonte: Google Maps.

Para Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), migrar é um processo de desterritorialização e reterritorialização. Ao deixar seu território, sua terra natal, o migrante se desterritorializa, deixando os lugares que constroem a sua identidade, isso abala sua segurança e identidade territorial, provoca o que o autor denomina de desencaixe social⁷, o que causa angústia e dor. Por essa razão, o migrante tenta recriar seu território, buscando criar raízes neste novo território.

Os autores afirmam que, para o migrante encontrar o bem-estar, ele busca se fixar em um dado território para que todo sentimento de insegurança e incerteza não seja mais um incômodo, porém essa fixação tem “restrições ou condições em termos de identificação sociocultural e socioespacial. O envolvimento de um indivíduo com o lugar é um processo complexo que não ocorre aleatoriamente” (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010, p. 411).

Entre os fatores de encorajamento, a identificação com o lugar é crucial. O estabelecimento de laços e a sensação de pertencimento ocorrem em um lugar cujas características sociais, culturais e de organização espacial não sejam de todo desconhecidas. Assim, lugares ligados à identidade territorial atraem e promovem a fixação, seja por alusão, seja por efetivação (MARANDOLA JR.; Dal Gallo, 2010, p. 411).

O migrante estando em ambiente diferente, com costumes e valores distintos do seu, dificulta a sua adaptação. “A relação ser-lugar pressupõe uma construção mútua e simultânea de ambos: o sujeito constrói o lugar e ao mesmo tempo é construído por esse” (CASEY, 2001 *apud* MARANDOLA JR., 2010, p. 411). A construção ser-lugar ocorre a partir da experiência. Por meio da percepção, sensação, cognição, representação e imaginação, o lugar passa a ser internalizado e constitui-se como parte integrante do ser. A experiência tem como meio o corpo, grande mediador dessa relação (MERLEAU-PONTY, 1971, *apud* MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2010).

O autor reitera, apoiado em Casey (1993), que o ser-lugar se edifica quando ocorre uma identificação entre eles. O migrante não esquece e não se desamarra das memórias, da história de sua vida para prontamente começar a viver outra nova realidade, por isso ele cria lugares que o identifique e em que possa resguardar “a sua forma de ser, bem como, para reafirmar a sua identidade territorial. São as relações e laços promotores do envolvimento com os lugares que dão as fundações e sustento para o ser” (CASEY, 1993, *apud*

⁷ Para o autor citado, ao se desterritorializar o migrante deixa para trás seu “lugar-natal”, o que acarreta deixar também os “lugares da infância, juventude ou idade adulta”, lugares estes que são os incumbidos pela nossa formação como indivíduo e “sob as quais está edificada nossa identidade” (MARANDOLA JR; DAL GALLO 2010).

MARANDOLA JR; DAL GALLO 2010, p. 412).

A construção de espaços ou lugares que o remete ao território de origem alivia a sensação de estranhamento e possibilita a sensação de pertencimento. Esses espaços possibilitam a reterritorialização, e desta resultam as comunidades étnicas, como o evento do *Brazilian Days*, as festas juninas, o comércio de comidas e produtos brasileiros.

Segundo Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), a casa é o lugar mais intimista que o migrante se desterritorializa. Aqui nos deparamos com o nosso objeto de pesquisa, a casa e as maneiras de morar. O emigrado deixa sua casa, local físico e simbólico onde vivenciou seu cotidiano, e necessita refazer esse lugar, esse “território casa” em outro território, assim como a si mesmo. “Personalizar a casa é apropriar-se, fixar-se, enraizar-se, sendo, portanto fundamental para o migrante alcançar tranquilidade e estabilidade ontológica no lugar de destino” (MARANDOLA JR; DAL GALLO 2010, p. 412). As fotos da família, da cidade onde viviam e a bandeira do Brasil são objetos comuns encontrados nas casas onde residem os migrantes brasileiros.

É nesta identidade estabelecida com o território que mantém, nos emigrantes, as identidades dos lugares vividos anteriormente (HEIDRICH, 2013). Por essa forte identidade, os emigrantes tendem a ocupar o mesmo local e “quando tal área não for uma extensão material efetiva, poderá ser uma área imaginada, formada por encontros, ou simples ideias. Por essa razão, a convivência se fortalece mais ainda, intermediada pelas experiências no novo país” (HEIDRICH, 2013, p. 58).

Um bom exemplo sobre emigrantes é a comunidade de valadarenses que residem no centro da cidade de Framingham. Essa cidade foi esvaziada com o fechamento de indústrias e fábricas. Ficou abandonada por algum tempo e foi repovoada pelos emigrantes brasileiros. Nesta cidade existe a comunidade de valadarenses que residem próximos (PARAGUASSU, 2013)⁸.

Pallasmaa (2007), arquiteto que estuda o habitar, e será citado mais detalhadamente no capítulo a seguir, afirma que é do ser humano a percepção de pertencimento e de fixação em dado território.

Ele afirma:

⁸ Na década de 1980 houve uma reestruturação econômica no estado de Massachusetts, o que levou a um declínio na indústria manufatureira tradicional da cidade de Framingham, fazendo com o centro, conhecido por downtown, entrasse em uma profunda crise. Os brasileiros que emigraram nessa década e na década seguinte perceberam o centro da cidade com aluguéis baratos como um lugar em potencial para seus negócios e moradia, revitalizando assim o Downtown da cidade de Framingham.

As identidades não dialogam apenas com os espaços físicos e arquitetônicos enquanto nos tornamos membros de inúmeros contextos e identidades culturais, sociais, linguísticas e também arquitetônicas e estéticas. As identidades não se associam a aspectos isolados, mas à continuidade da cultura e da vida; as verdadeiras identidades não constituem apenas vínculos momentâneos, mas histórias e continuidades. Ao contrário de simples aspectos ocasionais de fundo, todas as experiências, e seguramente dezenas de outros fatores, são o que constitui nossa verdadeira personalidade. Identidade não é um aspecto dado ou fechado, é um intercâmbio. Enquanto me adapto ao lugar, o lugar se acomoda em mim (PALLASMAA, 2007, p. 119).

Podemos perceber na citação acima que a transterritorialidade do emigrante é vista na alteração, ou melhor, na transformação de sua identidade. A vivência e a experiência em territórios distintos faz com que a identidade do emigrado mude, e ela acaba não sendo pertencente nem daqui e nem de lá. A maneira de falar, com palavras em inglês juntamente com palavras em português, as “manias” de tirar o sapato, logo que entrar em casa, são territorialidades adquiridas de uma cultura diferente.

A casa é peça chave para que essa identidade não se perca, pois construir a casa própria, ou adquiri-la no país de origem faz com que os laços sigam estreitos e a territorialidade e identidade mineiras sigam ali dentro, mesmo que um pouco obscuras pelas tantas outras territorialidades absorvidas ao longo da vida em território americano.

A seguir, analisaremos brevemente a evolução da casa brasileira. Perceberemos que a casa brasileira é fruto de territorialidades distintas, unidas em uma só, que configurou o nosso habitar atual. Uma análise mais aprofundada foi feita de três cômodos dessa casa, que foram os mais citados pelos entrevistados retornados. E para finalizarmos, no seguinte capítulo explicitaremos o que é o lar e o habitar para o presente trabalho.

2.2 HABITAR EM UM TERRITÓRIO: O LAR E A CASA

A vivência em distintos territórios pode tornar o sujeito transterritorial. Mesmo incorporando maneiras e modos distintos dos seus é possível manter alguns elementos do modo antigo. Para identificar-se com o lugar é fundamental estabelecer vínculos que possibilitem o desenvolvimento da sensação de pertencimento ao lugar. Para o migrante, personagem central desse estudo, não é diferente, pois ao deixar sua terra natal para vivenciar outro território, necessita estabelecer vínculos.

A casa é a casca, o casulo que protege a família. Dentro de casa nos sentimos protegidos de todo o mal externo. Ela “pode ser entendida como o lugar mais personificado do indivíduo, no qual cada detalhe é um reflexo das suas vontades e interesses”

(MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010, p. 412). É nesse sentido que, dentre todos os lugares que o migrante se afasta, a casa, provavelmente é a sua maior perda. Nos itens seguintes serão discutidas essas duas categorias importantes para compreender o objeto central desse estudo – Morar e habitar.

2.2.1 Histórico do habitar no Brasil

Como é morar no Brasil? Que modos e maneiras de vivenciar a casa, nós brasileiros temos? Apresentaremos, nesse item, a evolução da casa e do habitar dos brasileiros a partir de um histórico traçado pelos arquitetos Veríssimo e Bittar (1999) e Reis Filho (2004).

É importante destacarmos que, durante algum tempo, a arquitetura que era executada na colônia (Brasil) era uma arquitetura portuguesa, adaptada às necessidades e ao meio ambiente local, pois ainda não existia uma arquitetura brasileira (VASCONCELLOS, 2013).

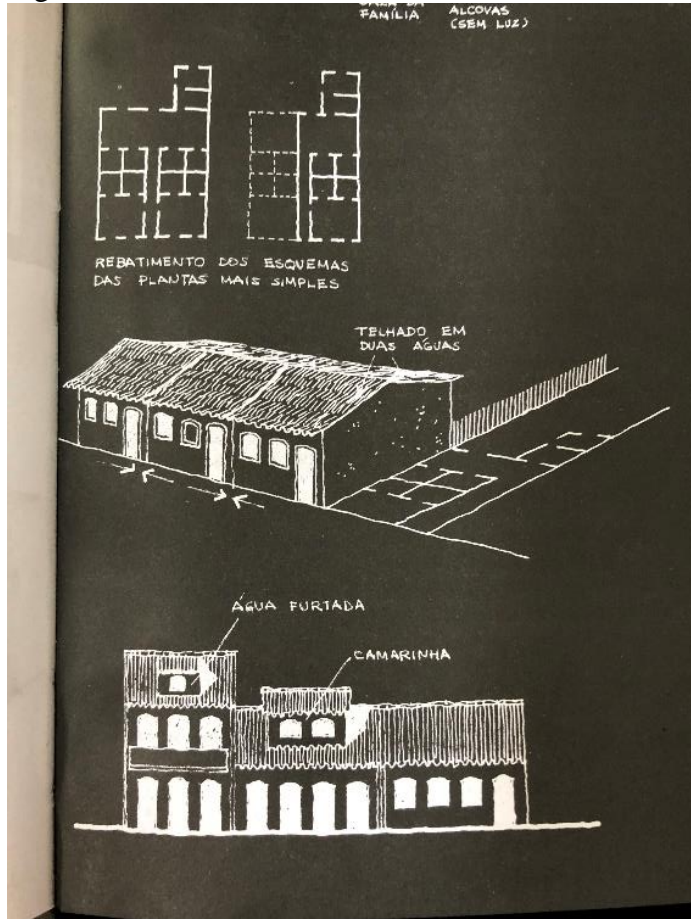
Três décadas depois da chegada dos portugueses ao novo território nas Américas, a Europa saía do feudalismo e entrava no mercantilismo, e foi quando efetivamente se inicia a colonização brasileira. Nesse período se estabelece o cultivo da cana-de-açúcar. A metrópole já dominava o processo de manejo da plantação e dos produtos desta, pois essa era uma atividade praticada nas ilhas atlânticas desde o século XIV. Assim, no final dos anos 1650 desenvolve-se um modelo de produção baseado na monocultura da cana-de-açúcar que influencia o estilo da casa (VERÍSSIMO, BITTAR, 1999).

A casa urbana daquela época, executada pelos portugueses, não era o melhor exemplo da casa no Brasil, mas sim a casa do engenho. Essa casa era resultado de alguns fatores, além do clima e da flora. O português tentava replicar aqui a casa de sua aldeia, administrando toda essa mistura, aprendendo um pouco com os moradores locais e com suas experiências em outros territórios, que resultou na casa no Brasil. As paredes caiadas, juntamente com os portais coloridos, por exemplo, vieram de Portugal, e os beirais alongados do Oriente (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999).

Segundo Reis Filho (2004), a arquitetura residencial urbana, mesmo não sendo o principal exemplo da casa brasileira nesse período, tinha algumas características interessantes de serem ressaltadas. Uma delas, e talvez a principal, é o seu lote (figura 04), e seguiria dessa forma até meados do século XIX. Assim como a maneira de pensar e construir a casa eram em relação ao que os portugueses viviam e exerciam em sua região de origem, também o urbanismo das cidades da colônia era pensado. Portanto, o posicionamento das edificações (figura 4) era projetado por meio de tradições urbanísticas portuguesas, em que “nossas vilas e

idades apresentavam ruas de aspecto uniforme, com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e paredes laterais sobre os limites dos terrenos” (REIS FILHO, 2004, p. 22).

Figura 04: Visão das casas e lotes coloniais no Brasil.



Fonte: Imagem do livro “Quadro da Arquitetura no Brasil”, Nestor Goulart Reis Filho.

Outro aspecto importante sobre a casa e o habitar no território brasileiro é a evolução da família brasileira ao longo desses cinco séculos, pois é a mesma que vivencia a casa, objeto da presente dissertação. Nesse ponto, é fundamental lembrarmos que o povo brasileiro é fruto de uma miscigenação que deu origem a uma diversidade cultural, portanto, a família brasileira é resultante da mistura de genes e cultura dos nativos e dos outros que chegaram à Terra Brasilis, os africanos e portugueses.

A família colonial assumiu várias formas, tendo um núcleo familiar como conhecemos tradicionalmente, ou seja, todos da mesma família, incluindo aqui também a mão de obra escravizada, mesmo que em pequena quantidade. Em outros casos, poderíamos aqui acrescentar agregados ou parentes próximos, como irmãs solteiras, viúvas, órfãos (ALGRANTI, 2012).

O primeiro modelo familiar que surge no Brasil colônia é a família rural – a casa urbana nessa época não tinha grande prestígio social – visto que a monocultura da cana-de-açúcar era o que movia economicamente o território. Assim, nesse núcleo familiar, o homem é o organizador e provedor, cabendo à mulher o papel de reprodutora e confinada ao espaço doméstico. Sua função era organizar esse espaço e prover a ordem da família sob a autoridade do senhor das terras.

Veríssimo e Birrar (1999) destacam que esta seria a primeira forma consolidada da casa do colonizador, a casa-grande do senhor do engenho monocultor. A casa possui muitos quartos, com sala de jantar e visita e uma cozinha grande, e espaço denominado puxado, para os filhos casados que permaneciam ajudando na administração e organização da fazenda. O quarto das moças solteiras ficava no centro para garantir a reclusão destas. Essa casa possui também capela, senzala (FREYRE, 1937).

Os principais tipos de habitação urbana do período colonial são o sobrado e a casa térrea, no que se diferenciavam pelo piso de assoalho e terra batida. Habitar o sobrado era a riqueza, e a casa térrea, a pobreza. Reis Filho (2004, p. 28) descreve bem a utilização dos pavimentos térreos dos sobrados que “quando não eram utilizados como lojas, deixavam-se para acomodação dos escravos e animais ou ficavam quase vazios, mas não eram utilizados pelas famílias dos proprietários”.

A chegada da família real, no início do século XIX, é um marco na economia e na vida social da colônia, que passa a ser Reino Unido a Portugal e Bragança. A família real, juntamente com a corte, trouxe novos hábitos e costumes. A vida social torna-se mais efervescente e a participação nas reuniões e encontros abre novos espaços de convívio social para a mulher ligada a esse grupo social. As casas e os novos palacetes exigiam uma outra configuração para acomodar a nova dinâmica da vida social.

Até a metade do século XIX, a relação entre a casa urbana e sua localização no lote continuou praticamente igual em correspondência ao século anterior. O avanço frontal, em relação à rua, e lateral em relação aos lotes vizinhos, continua como nas casas coloniais (REIS FILHO, 2004).

As transformações nas edificações começaram sutilmente, e foram mais visíveis com a estada da Missão Cultural Francesa e da Academia Imperial de Belas Artes, que apreciavam a arquitetura Neoclássica, e com isso, colaboravam com a inserção de uma arquitetura mais refinada, rompendo gradativamente com as soluções coloniais. “Escadarias, colunas e frontões de pedra ornavam com frequência as fachadas de edifícios principais, ostentando um refinamento técnico, que não correspondia ainda ao comum das construções” (REIS FILHO,

2004, p. 36). Podemos perceber os elementos citados na figura 05, onde se vê o Palácio Imperial de Petrópolis.

Figura 05: Palácio Imperial de Petrópolis.



Fonte: Google imagens.

Com a abertura dos portos e a incorporação do país ao mercado mundial surge a possibilidade de importação de materiais que alterariam a aparência das edificações. Percebia-se que a construção possuía materiais importados na sua construção, quando se via platibandas e o uso de calhas, já os beirais eram substituídos pelas mesmas,

[...] ou pelo uso de vidros simples ou coloridos – sobretudo nas bandeiras das portas e janelas – em lugar das velhas urupemas e gelosias. Em outros casos, o que então era entendido como “gosto” neoclássico revelava-se pela existência de vasos e figuras de louça do Porto, a marcar, nas fachadas, sobre as platibandas, a prumada das pilastras (REIS FILHO, 2004, p. 38).

A abolição e a proclamação da república provocaram mudanças na configuração da arquitetura e do habitar. Os cômodos das casas tornam-se mais compactos e se tornam responsabilidade da mulher, a manutenção de sua higiene e organização, mesmo que para isso, conte com ajuda de empregadas domésticas.

O processo de urbanização é acelerado com o fim da escravidão e a chegada dos imigrantes, que substituem essa mão de obra e trazem novas técnicas de trabalho e do modo

de habitar. Isso produz um crescimento desordenado das grandes cidades. Os que foram escravizados seguem para a periferia das cidades, e assim surgem os cortiços, que com o tempo, evoluem para as vilas ou favelas.

Assim, com a inspiração do ecletismo⁹, e com apoio dos hábitos peculiares dos muitos imigrantes, surgem as primeiras casas urbanas, com algumas alterações que se diferem das casas do período colonial, como exemplifica Reis Filho (2004, p. 44), tal forma de habitação seria comum até o início do século XX.

As primeiras transformações verificadas então nas soluções de implantação ligavam-se aos esforços de libertação das construções em relação aos limites dos lotes. O esquema consistia em recuar o edifício dos limites laterais, conservando-o frequentemente sobre o alinhamento da via pública. Comumente o recuo era apenas de um dos lados; do outro, quando existia, reduzia-se ao mínimo (REIS FILHO, 2004, p. 44).

Tais casas tinham a entrada lateral, onde normalmente existia um jardim, subindo alguns degraus se adentrava a varanda, protegida das intempéries, coberta com vidro e estruturas de ferro. Algo parecido pode ser visto na figura 06, na cidade de Belo Horizonte.

Figura 06: Casa unifamiliar em estilo eclético em Belo Horizonte.



Fonte: Acervo pessoal.

⁹ Ecleticismo na arquitetura é a mistura de estilos arquitetônicos do passado para a criação de uma nova linguagem arquitetônica. Refere-se a um movimento arquitetônico apolítico predominante desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

A casa da classe média é frequentemente de aluguel, pequena e funcional, com porões altos e banheiro no fundo do lote. Já a classe alta, na qual se incluíam os latifundiários e os industriais em ascensão, seguiam vivendo nos palacetes que imitam as formas europeias tanto em seus interiores quanto exteriores. Contudo, no século XX surgem algumas modificações, as vilas aumentam a partir da urbanização dos cortiços.

Seguindo ainda o histórico traçado por Verissimo e Bittar (1999), na década de 1920, os edifícios de apartamento surgem nas cidades, sendo uma grande alteração na forma de morar do Brasil, porém existe uma rejeição a essa tipologia de moradia, que só na década de 1940 passa a ter uma maior aceitação. Na década de 1960, com o *boom* do crescimento da população, essa tipologia cai nas graças da população.

Surgem, na década de 1970, as varandas nos apartamentos e os condomínios fechados, isolando os moradores do convívio com a cidade. Já na década seguinte, o novo modo de vivenciar a arquitetura domiciliar seriam os flats, “onde o usuário só teria o trabalho de ir e vir, às vezes em transporte exclusivo, oferecido pela administração do empreendimento [...]” (VERISSIMO; BITTAR, 1999, p. 28).

O que podemos perceber é que a casa brasileira foi o produto final de diversas territorialidades, unidas, misturadas, transformadas em uma nova territorialidade, para que houvesse o lugar do habitar brasileiro.

Arquiteticamente, a casa é dividida em três setores: o setor social, o setor íntimo e o setor de serviço, e tal divisão não se altera muito ao longo dos anos. Alguns cômodos da casa foram citados com mais ênfase e repetição nas entrevistas feitas com os retornados da região de Governador Valadares. Foram eles: a cozinha, a sala e o quarto. Assim, discorreremos brevemente sobre a evolução de cada um deles em território brasileiro para compreendermos a ligação das pessoas com cada um desses cômodos.

2.2.1.1 A evolução da arquitetura e do uso da cozinha

De acordo com Zabalbeascoa (2013), o fogo, essencial para sobrevivência humana, é o elemento principal da cozinha. Manter o fogo aceso e vivo era a função da edificação da casa. Alguns utensílios foram inventados para ajudar a manter o fogo vivo e dosá-lo, como grelhas e foles. O fósforo de fricção, como conhecemos, surge no início do século XIX na Grã-Bretanha.

A lareira foi, durante muito tempo, o local de cozimento dos alimentos, e também fonte de calor para as casas nos países frios. Ela só diminuiu seu tamanho, mantendo sua

função de aquecimento, quando no século XVIII, surgiu o primeiro fogão. O fogão a gás, como conhecemos atualmente, surge no século XIX (ZABALBEASCOA, 2013).

A cozinha é o ponto central do setor de serviço da casa, setor este que inclui ainda a área de serviço, e também, a dependência de empregada, hoje quarto de serviço. Ao longo do tempo, desde a colonização do Brasil, a cozinha passou por algumas mudanças em relação ao tamanho, posição na casa e seus equipamentos.

No início da colonização, a cozinha era situada mais ao centro da casa (figura 7), perto da sala, e assim, causava problemas com o excesso de calor e a fumaça. O cômodo podia chegar a preencher mais de um terço da casa. Ao perceber que tal situação não era a adequada para o clima dos trópicos, o português a colocou nos fundos da casa, num puxadinho, como podemos ainda ver em casas de avós nas fazendas (ZABALBEASCOA, 2013).

Figura 07: Frans Post, *Casa de Fazenda*, 1651.



Fonte: <http://www.falandodeartes.com.br/2016/12/arte-colonial-brasileira.html>.

Em algumas casas poderiam ser encontradas duas cozinhas, uma dentro de casa para tarefas mais limpas e rotineiras, e outra fora da casa, para o preparo de alimentos que produziam mais sujeira (ALGRANTI, 1997). Após o período colonial, a cozinha não apresenta grandes mudanças. Com a abolição da escravidão, a importação de produtos manufaturados e a imigração de mão de obra branca, é que será notada maior participação da mulher branca neste cômodo de serviço.

Gilberto Freyre (2013) e Algranti (1997) afirmam que a cozinha da casa urbana brasileira no século XIX também poderia ocupar andares altos nas casas assobradadas dos núcleos patriarcais. Não existia água encanada, era utilizado o suprimento de água do chafariz, e a água era levada pelos moleques aos andares altos das casas para nutrir as cozinhas.

As cozinhas tiveram uma redução considerável com o passar dos anos, principalmente depois do aparecimento dos edifícios de apartamentos a partir da década de 1920. Na década de 1940, as geladeiras importadas vão permitir às famílias a experiência de consumir produtos frios, e assim, amenizar o calor dos trópicos. A figura 8 mostra uma propaganda ao estilo *american-way-of-life*¹⁰.

Figura 08: Propaganda General Electric década de 1940.

Cada dia...
UMA NOVA SURPRESA!

UNICOS DISTRIBUIDORES NA CAPITAL:
ASSIS MUNIZ & CIA.
Rua da República, 40 - São Paulo
Rua do Comércio, 2024 - Santos

São Paulo Electrical Ltda.
Rua Marconi, 125 - São Paulo
(No Interior: Revendedores autorizados nas principais cidades)

Adquirindo um Refrigerador G. E. em seu lar, a senhora poderá preparar numerosas sobremesas diferentes e deliciosas. G. E. é prático, econômico, funcionamento garantido e reúne os melhores e mais úteis aperfeiçoamentos da moderna refrigeração, como: controle de temperatura por um único botão, compartimento de baixa temperatura, gavetas com Tampa de vidro e 4 zonas de refrigeração que asseguram completa proteção a cada alimento. Prefira, pois, um Refrigerador General Electric!

COMPRA UM REFRIGERADOR G. E. E CONCORRA AO SORTEIO MENSAL

EXISTEM O STAND DA G. E. NO PAVLÃO DE ELETRICIDADE E RÁDIO DA FEIRA NACIONAL DE INDUSTRIAS

GENERAL ELECTRIC

Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/02/refrigerador-general-eletric-1940.html>.

A partir de 1930, nos EUA – país de destino dos emigrantes do presente estudo – os fornos, nas cozinhas, passaram a se encaixar modularmente, resultando em cozinhas que ocupavam menos espaço na casa, sendo o início das cozinhas compactas como vivenciamos hoje (ZABALBEASCOA, 2013).

¹⁰ Tradução nossa: modo de vida americano.

No Brasil, dos anos 40 em diante, com a proliferação dos apartamentos e a diminuição da área construída das casas da classe média, as cozinhas ficam cada vez mais compactas e associadas à sala de jantar, ou copas, como era denominado este cômodo naquela época (VERISSIMO; BITTAR, 1999). Na década de 1950, sob a influência dos filmes americanos, a cozinha brasileira se vê incorporada à sala. Todavia, essa tentativa foi frustrada na época, pois a casa ficava com cheiro da gordura das comidas feitas, devido à falta de tecnologia necessária para amenizá-lo.

O modo de viver americano segue mais forte na década de 1970, com o ápice das inovações tecnológicas, “cada vez mais surgem materiais novos para as cozinhas, além de mobiliário adequado, iluminação apropriada, exaustão [...] uma verdadeira gama de inovações [...]” (VERISSIMO; BITTAR, 1999, p. 114).

É nessa época que surgem, em grande quantidade, os revestimentos cerâmicos estampados para paredes, os azulejos, e cerâmicas para o piso (figuras 09 e 10). A cozinha antiga será modernizada para a mulher, que nesse tempo, já ocupava dois lugares na família, de dona de casa, e também provedora, junto ao esposo.

Figura 09: Cozinha década de 1970 no Brasil.



Piso de
cerâmica

Fonte: O Grande Livro de Casa Cláudia, 2012.

Figura 10: Cozinha brasileira década de 1970.



Fonte: O Grande Livro de Casa Cláudia, 2012.

A cozinha passa a ser um ponto “eletromodernizado” na década de 1980, e assim, perde o papel de coração da casa, já que cada membro da família prepara ou esquenta seu alimento na hora que melhor lhe convir (VERISSIMO; BITTAR, 1999).

Arquitetonicamente, podemos perceber algumas alterações no espaço da cozinha dessa década, como bancadas centrais, imitando as cozinhas americanas, ou que formam uma mesa na sua extensão (figura 11). Aqui ainda está ativa e presente a figura da empregada doméstica na residência da classe média e alta.

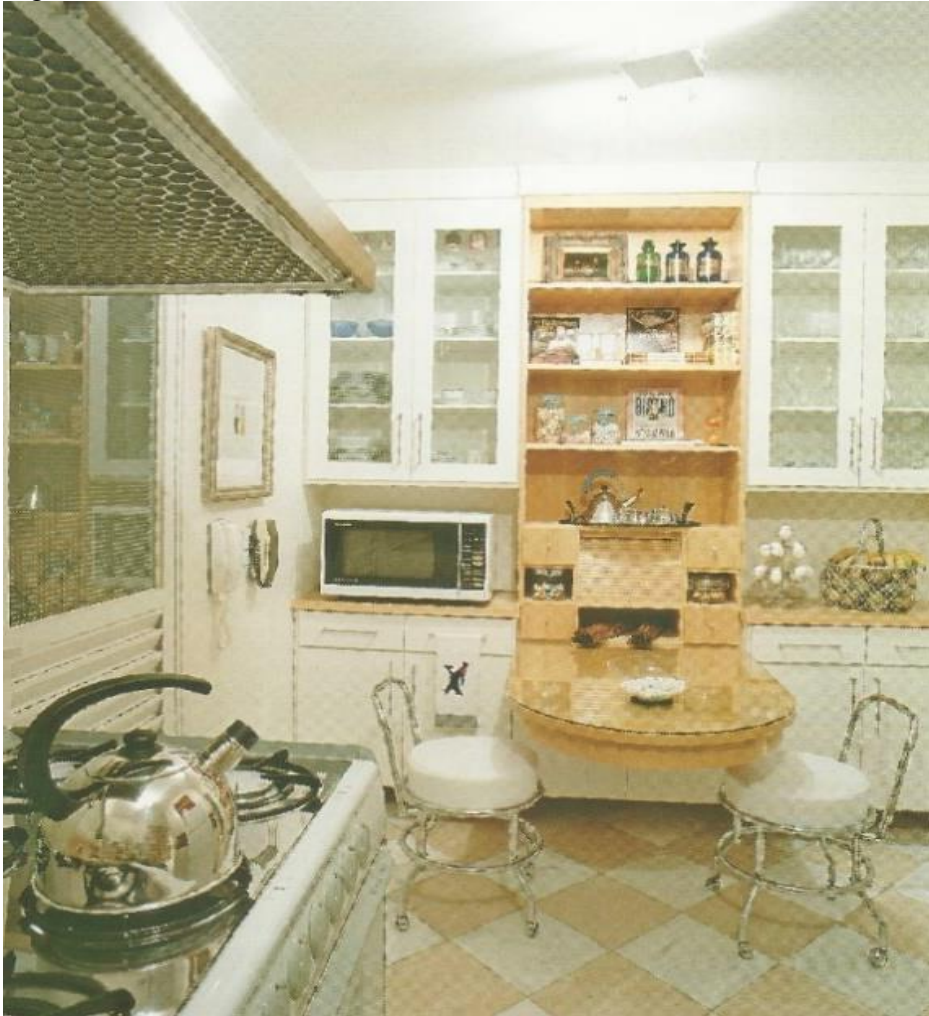
Figura 11: Cozinha brasileira década de 1980.



Fonte: O Grande Livro de Casa Cláudia, 2012.

A modernização das cozinhas, acontecida nos Estados Unidos na década de 50, só atinge seu ápice no Brasil na década de 1990. Aumenta-se a preocupação com a iluminação do ambiente, e armários ganham portas de vidro mostrando a organização dos utensílios. Outro ponto que se firma no cômodo é a bancada para lanches rápidos, mesmo que somente para duas pessoas (figura 12).

Figura 12: Cozinha brasileira década de 1980.



Fonte: O Grande Livro de Casa Cláudia, 2012.

No início dos anos 2000 as cozinhas se abriram para a sala, ficando aparentes aos moradores e visitantes. Com as novas tecnologias, podem-se utilizar madeiras nos pisos das cozinhas, principalmente nas que são abertas, que têm o mesmo piso da sala, e as estampas em cerâmicas e porcelanatos começam a ser uma possibilidade de decoração que integram os ambientes. A cozinha aberta já é comum nos Estados Unidos, país de destino dos emigrantes Valadarenses desde a década de 1950, sendo somente nos anos 2000 incorporada à vida domiciliar brasileira.

Um ponto interessante a ressaltar é o desaparecimento das copas das plantas das casas e apartamentos, sendo convertidas em bancadas de lanche rápido das cozinhas, ou entre elas e as salas (CASA CLÁUDIA, 2012), porém em casas e apartamentos das classes mais abastadas surge a sala de almoço, que nada mais é do que a copa, tendo seu nome alterado.

2.2.1.2 A evolução da arquitetura e do uso da sala

Do território de onde vinham os colonizadores e os migrantes, um mesmo cômodo, durante muitos séculos, foi sala de estar, jantar, cozinha e dormitório ao mesmo tempo. Um espaço pequeno, quase sem janelas para reter o calor. Aqui no Brasil, o que podemos citar como algo parecido ao dito acima seria a morada rural que “consistia em uma choupana de paus toscos e palhas de pindoba, mobiliada com duas ou três esteiras, mesa e três pedras servindo de fogão” (VILHENA, ANO *APUD* ALGRANTI, 1997, p. 110).

Nas casas mais abastadas, a sala estava localizada à frente da casa, um salão de visitas. O mobiliário das casas do Brasil colônia era singelo, e muitas vezes, sinalizavam a falta de aconchego da casa para a vivência da família. Consistiam em “poucas cadeiras, uma ou duas mesas com seus bancos, além de algumas caixas e baús é o que se encontra na maior parte das vezes, por exemplo, nos inventários paulistas” (ALGRANTI, 1997, p. 102).

Assim sendo, o cômodo da sala, no Brasil colonial, era o ambiente onde as pessoas recebiam os indivíduos que não faziam parte da intimidade da casa, os estranhos, já que os encontros se davam normalmente na vida urbana diária, fora da casa, como afirmam Verissimo e Bittar (1999).

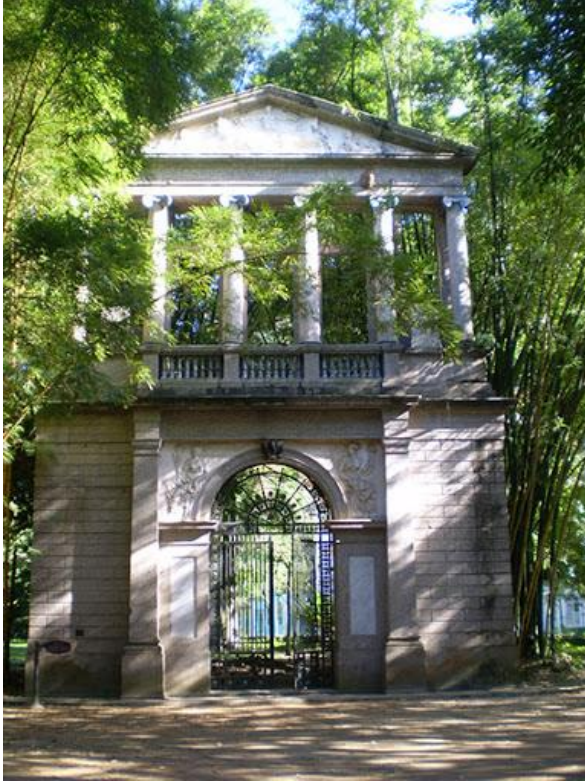
Assim, passamos pelo conjunto de salas de receber da casa-grande patriarcal, observamos a pequena sala social da morada urbana colonial, ou mesmo o grande salão do sobrado setecentista, com seu mobiliário mais faustoso, tetos estucados, além de alfaías importadas. Encontramos o mobiliário tosco, de formas rígidas dos primeiros tempos até as peças de gosto barroco, muitas delas importadas, produto do fausto do ciclo do ouro. Prenuncia-se aí a implantação deste setor social que irá marcar o século XIX (VERISSIMO; BITTAR, 1999, p. 61).

Com a chegada da Família Real, os hábitos mudam e alteram os comportamentos sociais. O receber em casa é vigorosamente estimulado pela corte, havendo uma ruptura nos arraigados hábitos patriarcais. Em casas em que o poder aquisitivo era maior, algumas salas tinham uma finalidade específica de costumes sociais, como sala para música, para fumar e para receber.

Juntamente à Família Real e os novos hábitos, chega também o neoclássico, como já foi dito anteriormente (figura 13) e sua arquitetura palaciana “com grandes salões de festas, papéis franceses nas paredes, *parquets* no piso, rodapés altos, bandeiras com ramicelos¹¹ de delicados desenhos, ferragens elegantes e importadas, manufaturas importados oriundos da Abertura dos Portos” (VERISSIMO; BITTAR, 1999, p. 61). A casa popular ou média, mesmo sem possibilidades financeiras para tal, segue a mesma linha dos palacetes.

¹¹ Os ramicelos eram rebuscados desenhos de formas diversas nas bandeiras de portas e janelas, de vistoso efeito decorativo, conjugado com vidros coloridos (VERSSIMO; BITTAR, 1999).

Figura 13: Pórtico neoclássico da Academia Imperial de Belas Artes.



Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3515/200-anos-missao-francesa>.

Desde a segunda metade do século XIX, a adequação da casa ao novo tipo de lote na cidade e algumas modificações sociais faz com que a sala tenha uma considerável mudança. A sala principal, que era fechada, se abre para o exterior em comunicação com o jardim.

Em nossa abordagem cronológica ainda podemos incluir a modificação da casa no final do século XIX, quando chegamos ao apogeu das importações e encontramos na área social, um modelo europeu transposto para o Brasil. Nessa época é comum encontrar nas salas ou salões, tanto dos chalés quanto dos grandes sobrados pinturas na parede, pinturas estas que sugestionam “paisagens ideais e distantes no tempo e no espaço” e que ostentavam “o requinte das mais finas mansões europeias” (VERISSIMO; BITTAR, 1999, p. 63). Gilberto Freyre (2000) também faz menção às pinturas das salas das casas brasileiras, onde se viam figuras e arabescos, e em algumas casas mais novas, as pinturas imitavam papel de parede.

Nos subúrbios, as residências construídas aí são reproduções do que era considerado nobre. Deparamo-nos com as casas populares, vilas operárias, ambas com suas casas ecléticas e conjuntos de chalés. A sala, ou a área social, que era tão reconhecida e prestigiada nos sobrados e residências nobres, no subúrbio não terá tanta atenção, já que a rua e o jardim serão onde a integração da família e vizinhos acontecerá. A sala de visita fica reservada para ocasiões especiais.

Na república, ocorrem mudanças no modo de habitar. Com a falta de infraestrutura nas cidades, a classe média constrói suas casas na periferia do centro urbano. No Rio de Janeiro, por exemplo, eram nas áreas perto das praias.

Na república surge a presença da empregada doméstica “que fazia de tudo, mas principalmente cozinhava. Para atender a essa nova dinâmica, os lares foram se organizando [...] quanto à disposição dos compartimentos e, também, no que toca às circulações horizontais” (LEMOS, 1979, p. 129). Ainda vemos os grandes salões, que abrigavam bailes e serões musicais, porém as circulações diminuem, e é nessa época que a cozinha se acomoda mais perto da sala de jantar.

Nas casas mais nobres, seguem com a insistência de ter dois pavimentos, já que tal tipologia gera *status*. O luxo era reservado para as casas urbanas. Nessas casas de classe média e alta, a quantidade de salas aumenta e são denominadas por cores. Já as habitações populares, tudo continua como sempre, sem praticamente nenhuma alteração na área social da casa.

No final da década de 1920, nos edifícios de apartamentos, a distribuição dos cômodos segue a mesma linha das casas. Objeto de prestígio da casa e da sala, o rádio, passa a ser o lazer e a socialização dos moradores da casa, em que toda a família se reúne para escutar as notícias.

No final da década de 1930, começamos a encontrar garagens nas casas, já que o carro importado começa a ser desejo de consumo. É nessa década que o *art déco*¹² marca a arquitetura residencial. “Muitas casas desse período passaram a apresentar varandas e jardins, o que representou a intenção de estabelecimento de uma fronteira entre o público (a rua) e o privado (o lar), inexistentes nos padrões antigos de alinhamento [...]” (BRITO, 2003, p. 280 APUD PUTTINI; RIBEIRO, 2009, p. 153).

Aqui já entra um ponto de relevância maior para o presente trabalho, os hábitos americanos. Tais hábitos, que serão comuns no pós-guerra, na década de 1930 são pouco expressivos, na maioria das vezes chegando via cinema, influenciando intensamente a opinião pública brasileira.

As salas da classe média, dos subúrbios e das vilas, são simples, com pouca mobília, ainda com o rebuscamento à europeia, assim como os hábitos franceses de receber. A copa era o local preferido de reunião da família, tanto que, ao longo da década, ele foi transferido da

¹² O termo *art déco*, de origem francesa (abreviação de *arts décoratifs*), refere-se a um estilo decorativo que se afirma nas artes plásticas, artes aplicadas (design, mobiliário, decoração etc.) e arquitetura no entre guerras europeu.

sala para a copa. Com a copa sendo o local de maior uso dos moradores, a sala de visitas se torna um local de pouco uso e reservado para eventos especiais (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999). Assim, na década de 1940, encontramos a sociedade brasileira fascinada pelo *american-way-of-life*¹³, abandonando a maioria dos seus hábitos afrancesados, quase que já tradicionais.

A racionalização dos espaços foi pensada, e nas casas, ficamos restritos a uma sala ligada diretamente à cozinha, ou a jardins de inverno, afirmam Verissimo e Bittar (1999). A rádio-vitrola se torna elemento de destaque nas salas, para escutar os discos brasileiros e também os americanos, que começavam a chegar ao país.

Nesse ponto, o edifício de apartamentos tem sua completa aprovação, e já podemos encontrá-los em áreas nobres das cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Nesta última, encontramos um grande exemplo desses edifícios (figuras 14 e 15), projeto por Lúcio Costa, com modelo duplex para atender à população de renda mais elevada.

Figura 14: Edifícios Parque Guinle na malha urbana carioca.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-14549/>.

¹³ Na tradução literal: Modo de vida americano.

Figura 15: Detalhe da arquitetura moderna de Lúcio Costa para o Parque Guinle.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-14549>.

A grande estrela do setor social na década de 1950 é a televisão, importada e para poucos. O aparelho de televisão era sinal de prestígio e alterou a maneira de morar da casa, já que agora a sala de estar era o ambiente destinado a ela, onde a família se acomodava para assistir as notícias e novelas, diferentemente do rádio, que ocupava a copa.

A década de 1960 confirma o sucesso dos edifícios de apartamentos, e estes já são presentes nos subúrbios, antes tranquilos e sossegados. Nos dias atuais, novos espaços impessoais, copiados das revistas estrangeiras, as cores dos ambientes, luminárias e mobiliários comprados nas lojas da moda, estão presentes nas habitações.

É importante ressaltar aqui, um cômodo que surge e observamos muito hoje nas casas brasileiras, a sala projetada para receber a televisão. No final da década de 1960, a televisão já é em cores e ocupa cada vez mais destaque na sala da família de classe média, recebendo tanta atenção que algumas residências têm um cômodo exclusivo para ela.

Na década de 1970, as salas se abrem para o convívio com móveis confortáveis, sofás em “L” ou redondos. Também eram comuns os sofás em alvenaria, e ambientes divididos por degraus, alguns forrados de carpete (figuras 16 e 17).

Figura 16: Sala dos anos 70 com sofá dividindo ambiente.



Fonte: Grande Livro de Casa Cláudia.

Fig. 17: Sala dos anos 70 com sofá em alvenaria.



Fonte: Grande Livro de Casa Cláudia.

Já na década de 1980, o país vivencia uma grave crise econômica, com déficit habitacional e hiperinflação, e nesse período, há uma valorização da estética de um corpo bem definido, moldado nas academias e nas pistas de corrida. A habitação vai refletir um pouco desses novos hábitos, levando o setor social para fora da casa, com os salões de festa, as churrasqueiras, salas de jogos e piscinas.

A TV agora é exclusividade de cada membro da família, estando presente não só na sala, mas também em todos os quartos. O que se via de diferente no setor social dessa década era uma maior integração entre a sala de estar e a de jantar, normalmente feita por uma meia parede ou um vidro fumê, os sofás em “L” e redondos continuam em alta (figura 18). O setor social da casa se amplia e pode ser visto exteriormente à residência, tendo como exemplo, as salas de jogos, salões de festas e áreas com churrasqueira.

Figura 18: Sala anos 80 com sofá em formato redondo.



Fonte: Grande Livro de Casa Cláudia.

Figura 19: Sala anos 90 com iluminação embutida no gesso.



Fonte: Grande Livro de Casa Cláudia.

Na década de 1990 percebemos uma nova maneira de usar o espaço, que são as residências com espaços integrados, tipo *loft*, que seriam utilizados principalmente pelos casais sem filhos, os descasados e os solteiros (PUTTINI e RIBEIRO, 2009). Tal tipologia seria enfatizada no século XXI, com os espaços abertos e a cozinha abrindo para a sala.

2.2.1.3 A evolução da arquitetura e do uso do quarto

Para finalizarmos, chegamos ao quarto. Um universo íntimo, onde guardamos segredos e sonhos. Como vimos, durante muitos séculos, todos os habitantes da casa dividiam um mesmo cômodo, que era ao mesmo tempo, a sala, a cozinha e o quarto. Todos os setores da casa estavam ali, juntos em um mesmo espaço e lugar ao redor do fogo.

Segundo Verissimo e Bittar (1999), por três séculos este ambiente não apresentou grandes mudanças em sua funcionalidade e decoração. Sempre foi um espaço íntimo destinado ao descanso. O lote na cidade era estreito, e as possibilidades de abertura de janela estavam nas extremidades, na sala e na cozinha, deixando a alcova no meio da casa, com abertura para a circulação e sem janelas, já que o sistema patriarcal queria que as mulheres, moças donzelas, estivessem longe das janelas e dos olhares dos homens ou possíveis pretendentes. Em alguns lotes, com largura mais farta, encontravam-se aposentos com janelas, porém eram abertas para um pátio interno, mantendo assim, a privacidade do local.

O que se vê de diferente em relação aos quartos no século XVII é a localização do quarto de hóspedes. Para proteção da família e da casa, o quarto das visitas em habitações rurais abastadas, muitas vezes, era separado e abria-se para a varanda, preservando a vida íntima da família (ALGANTI, 1997). Donato (2005) destaca que esse modelo permanece até o século XVIII.

Verissimo e Bittar (1990) informam que a partir do século XIX as alcovas se transformam em quartos, com janelas, e acrescenta-se o closet (quarto de troca de roupa).

Com a presença da corte é que vamos encontrar uma maior valorização desse compartimento, que agora vai acompanhar a sofisticação do restante da habitação: surgem o quarto de vestir, os toucadores, o quarto de banho, um equipamento de melhor qualidade tanto material quanto formal, pois a Revolução Industrial consegue colocar no mercado produtos em larga escala. Os quartos se abrem um pouco mais, pois já vamos encontrar na segunda metade do século verdadeiras “reuniões” femininas nesse compartimento (VERISSIMO; BITTAR, 1999, p. 90).

Em relação ao mobiliário dos quartos do século XIX, o que vemos eram camas enormes onde ainda existiam alcovas, balaios e baús para acomodar as roupas. Ainda eram

raros os guarda-roupas, somente um par de décadas depois é que seriam vistos com mais frequência (PUTTINI e RIBEIRO, 2009).

No início do século XX o banheiro se incorpora à casa. Na década de 1920, o quarto do casal, que seria o quarto principal, se posiciona perto da sala, mostrando que o casal é o dono do poder da casa. Até o mobiliário é parecido ao utilizado na sala (VERISSIMO; BITTAR, 1999).

No entanto, hoje em dia o quarto se abrindo para a sala já não é sinônimo de poder e nem é algo recorrente, pois além da falta de privacidade, o que se percebe é um problema de fluxo na casa, já que percebemos fluxos cruzados, visto que a sala acaba sendo uma passagem de ligação entre o setor íntimo e o de serviço (VERISSIMO; BITTAR, 1999).

Tal solução atravessa várias décadas, e só é alterada no final dos anos 1950, com o movimento moderno e a construção de Brasília. Conseguem setorizar melhor a casa e dividi-la de maneira otimizada em setor social, íntimo e de serviço. Mais uma vez, tal alteração acontece nas casas de classe mais alta, e posteriormente chega às demais classes.

Uma grande mudança é vista na década de 1960, algo que nos acompanha até hoje. A suíte se estabelece. O quarto conjugado a um banheiro privado, lembrando um quarto de hotel (VERISSIMO; BITTAR, 1999).

Nesta época, o novo e importante personagem do quarto é o ar condicionado.

O aparelho de ar-condicionado virá em socorro dos seus habitantes, permitindo contrabalançar no quarto a ampla quantidade de luz e aquecimento que aí se abatem proveniente da excessiva exposição desse aposento aos raios solares, já que suas esquadrias utilizam o alumínio e o vidro, sem considerar, na maioria das vezes, padrões corretos de orientação, decorrente de lotes estreitos e do maior aproveitamento dos terrenos em busca de maiores lucros (VERISSIMO; BITTAR, 1999, p. 95).

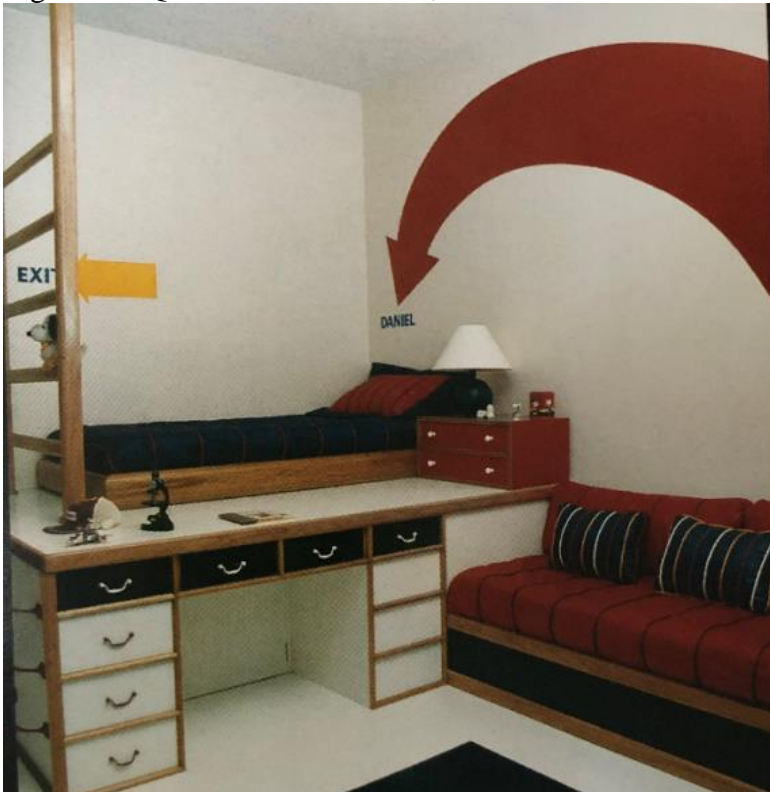
As funções do cômodo mudam, quando percebemos quartos se tornando salas de tv ou de estar, principalmente quando o apartamento é muito pequeno e não há espaço para todas as funções da casa. Assim, segue a década de 70, e também na década de 80, em que a urbanização das cidades é grande e desordenada, a especulação imobiliária é crescente e reduz cada vez mais as áreas úteis dos compartimentos (figura 20). É comum ver pessoas em que o quarto é também a sala de estudos, a sala de visitas, local de trabalho, e às vezes, local de descanso (VERISSIMO; BITTAR, 1999). Puttini e Ribeiro (2009) destacam que, para a otimização dos espaços, os móveis modulados tornam-se indispensáveis, principalmente quando o computador passa a fazer parte do mobiliário do quarto (figura 21 e 22).

Figura 20: Quarto com móvel modulado anos 70.



Fonte: Grande Livro de Casa Cláudia.

Figura 21: Quarto anos 70. Cama, bancada de estudo e sofá.



Fonte: Grande Livro de Casa Cláudia.

Figura 22: Quarto anos 90. Quarto e sala de estudo com computador.



Fonte: Grande Livro de Casa Cláudia.

Nos apartamentos e casas de classes mais altas encontramos pequenas salas para o computador, tentando assim, diminuir a mistura de atividades no quarto. Percebemos também o banheiro privativo nos quartos e em alguns exemplares há varandas privativas também, e esses são “valores que passam a ser símbolo de bem-morar” (VERISSIMO, BITTAR, 1999, p. 96).

O que percebemos nas décadas seguintes, até os dias de hoje, é o aumento no tamanho das camas, que passaram a ocupar até quatro metros quadrados do quarto, onde o total, muitas vezes, não passa de nove metros quadrados. Cada vez mais os habitantes buscam uma decoração para o quarto e sempre o espaço do computador (figura 24), agora notebook, e da televisão presa na parede.

Foi realizada nesse item, com base em uma revisão, uma descrição da evolução da ordem dos cômodos da casa no Brasil, destacando a sala, a cozinha e o quarto. A intensão dessa revisão é, em linhas gerais, compreender a organização da casa que o migrante brasileiro vivenciou antes de emigrar fazendo uma retrospectiva histórica de sua configuração.

2.2.2 A casa e o lar como território das memórias

De acordo com o dicionário Michaelis (1998), habitar significa residir, morar, ocupar e viver em. Somos povos dos nossos territórios, habitantes das nossas casas, bairros e cidades. Habitamos também nosso espaço de trabalho, nossos carros, calçadas, etc. Nos

territorializamos por onde passamos. De todos os lugares que nos movemos e exercemos uma ação, talvez a casa seja o lugar de maior relevância. Chamamos de lugar e não de espaço, pois entendemos o lugar como um espaço em que nós, seres humanos, exercemos uma ação.

A casa é a nossa proteção, e quando falamos em casa, várias figuras vêm à nossa mente: a casa da infância, a casa dos avós, a casa da praia, a casinha do cachorro, a casa do melhor amigo... e qual é realmente a nossa casa? No caso dos emigrantes da região de Governador Valadares, onde são verdadeiramente as suas casas? No território que ficou para trás? Ou no território de destino? Ou ainda, no território de retorno?

A casa que fica é a casa onde toda memória e lembranças permanecem. Lá, naquela casa que ficou, ainda moram as histórias felizes e engraçadas, as dificuldades vividas, e os sonhos... lá moram os sonhos e as vontades. Para Zabalbeascoa (1996, p. 6), “o mínimo ou o máximo, refúgio ou amostra, a casa tem essa estranha e extensa capacidade materna de poder acolher sonhos e satisfazer necessidades [...]”.

Nesse sentido, a casa e o lar são territórios da memória dos migrantes brasileiros da região de Governador Valadares. Que memórias os retornados trazem das casas deixadas no país de destino? Onde essas memórias se acomodam na residência comprada, reformada ou construída, de volta ao país de origem? Nesse contexto, é importante destacar o significado de lar e habitar para o presente estudo, para isso, utilizaremos como suporte teórico Juhani Pallasmaa, arquiteto finlandês, e Anaxu Zabalbesacoa, jornalista e historiadora catalã, especialista em arquitetura.

Para Pallasmaa (2017, p. 7), a casa “é um cenário concreto, íntimo e único da vida de cada um [...]”, é, portanto, diferente de todas as outras arquiteturas, ela não tem a mesma intimidade que cada um tem com a sua residência, e pode até causar distanciamento.

Já Lúcio Costa (2002, p. 21), grande arquiteto e urbanista brasileiro, não conceitua a casa, mas sim a arquitetura, e afirma que a arquitetura é

[...] construção concebida com o propósito de organizar e ordenar plasticamente o espaço e os volumes decorrentes, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica, de um determinado programa e de uma determinada intenção.

Assim, foi o início da arquitetura no Brasil, uma vez que as construções da época do Brasil colônia eram executadas com técnicas que atendiam às necessidades do local, e com modificações no sistema português de casas, já que o meio no qual estavam inseridas era distinto do país colonizador. Esse autor afirma que a “arquitetura é coisa para ser vivida”

(COSTA, 2002, p. 23), ou seja, nenhuma construção e edificação são tão inerentes ao ser humano como a casa, como o lar e como os habitamos.

Pallasmaa (2017) destaca que habitar é relacionar-se com o mundo. A casa é um espaço onde seus moradores se acomodam e esse espaço também se molda à consciência de seus moradores. Nesse sentido, a casa é a exteriorização de seus habitantes. O habitante se modifica perante o meio, se modifica de acordo com o território no qual vive. A casa deixada no país de origem vai na memória e nas lembranças do migrante, ela é viva em sua memória.

Habitar é, ao mesmo tempo, um evento e uma qualidade mental e experimental e um cenário funcional, material e técnico. A noção de lar se estende muito além de sua essência e seus limites físicos. Além dos aspectos práticos de residir, o ato de habitar é também um ato simbólico que, imperceptivelmente, organiza todo o mundo do habitante (PALLASMAA, 2017, p. 8).

Percebemos nas considerações de Pallasmaa (2017), que o ato de habitar é também simbólico, e que a percepção de lar ultrapassa os limites físicos. Podemos associar sua perspectiva com Haesbaert (2010), quando este destaca que absorvemos dos territórios que vivemos, e assim, tornamos outros lugares, de outras culturas para o nosso lar.

Para Pallasmaa (2017, p. 16), o lar “é uma expressão da personalidade do morador e seus padrões de vida únicos. Por conseguinte, a essência de um lar é mais próxima da vida propriamente dita do que o artefato da casa”. O lar são as rotinas, os fluxos, a vida e as lembranças de cada casa, e das vidas que ali habitam. O lar está além da edificação, é também memória, lembranças, medos, passado e presente. Tudo isso faz parte da bagagem do migrante Valadarense, quando leva na memória a casa que deixou para trás, ao partir em busca de um sonho.

O lar é a soma das pequenas coisas realizadas no cotidiano, possui uma dimensão temporal e é resultado da rotina e ações desenvolvidas nesse espaço pelos seus habitantes. Essa rotina é resultado de um processo vivido cotidianamente, portanto não é construído rapidamente, dependendo de um tempo para ser processado. É neste espaço que seus moradores fazem a mediação entre o mundo íntimo, a casa, e o mundo exterior. Quando refletimos sobre o lar, nos desprendemos da casa física, ficamos mais perto de uma análise do território das memórias e da identidade (PALLASMAA, 2017).

O lar é uma encenação de memória pessoal, um mediador complexo entre a intimidade e a vida pública. O espaço pessoal expressa a personalidade para o mundo exterior, mas, de modo igualmente importante, reforça a imagem que o morador tem de si mesmo e materializa sua ordem do mundo (PALLASMAA, 2017, p. 21).

O autor frisa uma passagem de sua vida, em que na sua infância sua família se mudava muito de casa. Porém, mesmo em muitas casas, ele levava em sua memória um único lar, que ele chama de “um lar experiencial da infância” (PALLASMAA, 2017, p. 22). Pallasmaa (2017, p. 22) afirma que o lar de sua experiência parece ter viajado com ele e “assumido constantemente novas formas físicas”, assim que a família ia se mudando, “Meu lar estava mais na minha mente e memória do que em um espaço físico em particular, ou talvez, mais precisamente, minha mente tenha transformado cada um desses espaços físicos em uma imagem única de lar”.

O migrante leva consigo o seu “lar experiencial”, o que ele entende como lar, para tentar refazê-lo no país de destino. Mas esse lar realmente acontece no país de destino? O emigrado consegue reestruturar esse lar nos Estados Unidos? Para o autor “um lar autentico tem alma, uma alma que espera seu habitante” (PALLASMAA, 2017, p. 22).

Para Pallasmaa (2017, p. 23), “a tristeza sentida por um lar perdido é semelhante ao luto pela morte de um familiar”. Os emigrados Valadarenses deixam suas casas para trás, levam consigo as imagens guardadas na memória desse local de vivência da família no território de origem, levam seu lar experiencial nas lembranças, para refazê-lo. Pallasmaa (2017, p. 23) ainda destaca que “a experiência do lar inclui uma gama incrível de dimensões mentais unificadas, desde aquelas relacionadas à identidade nacional de ser membro de uma cultura específica, até dimensões que envolvem os desejos e medos inconscientes”. Percebemos nas palavras do autor a territorialidade do migrante, que é moldada a partir de suas vivências em determinados territórios, juntamente com suas culturas e tradições, num sentido simbólico-cultural, como afirmam Haesbaert e Mondardo (2010).

Nos relatos de migrantes que participaram do presente estudo, fica explícita a não vivência do lar, mas das casas no país de destino, pois, conforme destaca Siqueira (2004), alguns dividiam casa, quarto e até a cama, razão de impregnada sua identidade nesses espaços. Para Pallasmaa (2017, p. 25), “nosso conceito de lar está fundamentado na linguagem; nosso primeiro lar está no domicílio de nossa língua materna [...]. A linguagem define o território pessoal”. O migrante não tem o “seu quarto”, ele é dividido com outras pessoas, que algumas vezes, nem são conhecidas. Essa condição gera angústia e estranhamento, e muitas vezes, leva ao adoecimento, pois não consegue reconstruir seu lar experiencial.

O lar é a nossa intimidade, é onde guardamos nossos segredos e nossas distintas maneiras de morar, pois “É nosso lugar seguro para descansar e sonhar” (PALLASMAA, 2017, p. 26). Para Pallasmaa (2017, p. 26), “a intimidade do lar é um recinto quase sagrado

em nossa cultura”, e ainda afirma que sentimos “culpa e vergonha se, por algum motivo, somos obrigados a entrar na casa de alguém sem termos sido convidados quando o morador não está presente. Ver uma casa vazia é como ver seu morador nu ou em sua máxima intimidade”. Tais palavras reforçam a necessidade do migrante de restabelecer seu lar no país de destino.

Para Bachelard (1996, p. 30), “[...] em nossas casas temos cantos e redutos onde gostaríamos de nos aninhar confortavelmente. Aninhar-se pertence à fenomenologia do verbo habitar, e apenas aqueles que aprendem a fazê-lo conseguem habitar com intensidade”. O migrante sem seu lar não encontra esse lugar de aconchego e não experimenta o habitar da casa.

Em síntese, neste estudo, habitar será definido como a experiência de morar vivida em outro território. Quando usamos a palavra morar, estamos nos referindo a vivenciar um novo país, uma nova cidade e um novo lar, a partir das novas regras, novo clima, novos vizinhos, novos amigos, novos trabalhos, novos sabores. Habitar, como afirma Pallasmaa (2017, p. 18), é “organizar todo o mundo do habitante”.

O lar será interpretado como a casa física, o lugar onde guardamos nossos corpos, nossos sonhos e nossas lembranças. O lugar vivenciado pelos emigrados no seu dia a dia, na sua rotina corrida, em busca do tão esperado sonho de melhorar de vida.

CAPÍTULO 3 - O CAMINHO METODOLÓGICO

Como já destacado, Governador Valadares tem uma história peculiar no que diz respeito à migração internacional. Desde a década de 1960 registra-se esse fenômeno, contudo, na década de 1980, houve um aumento considerável de pessoas que saíam da cidade e região com destino aos EUA, em busca de melhorar as condições de vida (SIQUEIRA, 2018, ALVES e SIQUEIRA, 2020).

Conforme afirma Sayad (2000), o retorno está sempre presente no projeto migratório. Retornar em condições melhores está presente no desejo do migrante quando parte para o exterior. Esse projeto pode mudar, contudo, muitos investem na construção ou melhoria da casa, objetivando melhorar sua condição de habitar, no retorno. Como é pensada essa moradia? A experiência migratória muda sua noção de arquitetura doméstica e sua ideia de habitar? Em que medida o habitar em terras estrangeiras mudou seu conceito de casa, de morar e de habitar? Essas são questões que nortearam este estudo.

O emigrado chega ao país de destino, onde a vivência da cidade e seus hábitos são distintos das que ele conhece, assim, nessa trajetória migratória conhece e vivencia maneiras diferentes de viver e habitar, se submete a novas normas deste território. De que maneira essa experiência vivenciada em diferentes territórios, ou seja, a transterritorialidade influencia o habitar do retornado?

Mondardo (2012, p. 377) afirma que “é uma relação que transcende o lugar de origem e de destino, sendo uma condição ambígua e tensa de sentimentos, de desejos, de representações, enfim, de relações entre o ‘aqui’ e o ‘lá’”. Esse é o migrante da microrregião de Governador Valadares, que levou consigo as lembranças e maneiras de morar de seu território natal para um novo território, e estando lá, vivenciou outros territórios, os absorvendo e mesmo assim, sem deixar de vivenciar o seu próprio território natal, mesmo que por telefone ou via internet, na conversa com os vizinhos também brasileiros, ou alguns já documentados, indo e vindo do país de destino ao país de origem, ou objetos que representam seu território de origem, como cita Alves e Siqueira (2020), em seu estudo sobre as marcas da migração no território do vale do Rio Doce.

Esta dissertação busca verificar se essa transterritorialidade do retornado da microrregião de Governador Valadares está presente, de alguma forma, em seu habitar, seja na organização de sua residência, ou na arquitetura da construção ou reforma de sua casa no retorno. Assim, levantamos a seguinte questão: De que maneira é apresentada a transterritorialidade do retornado valadarense na sua arquitetura domiciliar?

A pesquisa foi realizada na Microrregião de Governador Valadares, localizada no leste do estado de Minas Gerais. Participaram da pesquisa, residentes da microrregião de Governador Valadares, maiores de 18 anos, que emigraram para os EUA e lá permaneceram por pelo menos cinco anos, retornaram e investiram na reforma, compra ou construção da casa própria.

Observando a natureza do objeto de pesquisa, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa do tipo “estudo de caso”. Segundo Yin (2015), o Estudo de caso é uma investigação científica empírica, que estuda fenômenos contemporâneos em um contexto de vida real, buscando evidenciar aspectos subjetivos e pouco aparentes. É um tipo de estudo que possibilita explorar, descrever e explicar aspectos subjetivos do fenômeno, e, conseqüentemente, elucidar aspectos não visíveis e aprofundar a compreensão do fenômeno por meio de uma descrição densa deste. Este é, portanto, um tipo de estudo que se mostra propício para análise do fenômeno que esta dissertação se propõe a fazer, ou seja, compreender a experiência migratória e seus impactos na forma de habitar no retorno para sua terra natal.

Yin (2015) destaca que o estudo de caso observa cinco etapas, a saber: delineamento da pesquisa, desenho da pesquisa, preparação e coleta de dados, análise dos casos e elaboração dos relatórios, conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1. Etapas da pesquisa.

1 Delineamento da pesquisa	2 Desenho da pesquisa	3 Coleta de dados	4 Análise dos casos	5 Resultado final ou resposta à questão central
<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração do projeto de pesquisa com definição, delimitação do tema e formulação do problema. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração do referencial teórico (território e migração). • Levantamento dos casos • Seleção dos casos. • Formulação do instrumento de coleta de dados • Pré-teste e ajustes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observar os protocolos éticos e de validação. • Realização da entrevista em profundidade • Registro de observações no diário de campo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Transcrição das entrevistas • Definição das categorias de análise. • Com base no referencial teórico proceder à análise das entrevistas, utilizando a análise de conteúdo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Com base nas análises, responder à questão central do estudo.

Fonte: Produção própria da autora, 2020.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa se delimitou dentro do fenômeno migratório, presente na microrregião de Governador Valadares, fenômeno histórico e marcante no cotidiano da cidade, que atingiu seu auge na década de 1980.

Uma das dinâmicas do processo migratório é o retorno. Para Sayad (2000), sem o retorno o processo da migração não se completa. Como já vimos, retornar para o país de origem é um desejo, e maior ainda é o desejo de retornar e construir ou comprar a casa própria, para que se tenha uma vida melhor, um melhor habitar da casa. Como é pensada essa moradia? A experiência migratória muda sua noção de arquitetura doméstica e sua ideia de habitar? Em que medida o habitar em terras estrangeiras mudou seu conceito de habitar?

Quando no país de destino, no caso os Estados Unidos, o emigrado se confronta com o novo. O novo ao morar a casa, o novo ao andar na rua, o novo ao se comunicar. Ele se submete a novas normas desse território. De que maneira essa experiência vivenciada em diferentes territórios, ou seja, a transterritorialidade influencia o habitar do emigrado ao retornar para a região de origem?

O conceito de território utilizado na pesquisa é o de Rogério Haesbaert. Ele entende o território como um híbrido, como já vimos, e segue de três maneiras: a jurídico-política; a cultural (ou culturalista); e a econômica. O autor identifica a transterritorialidade, ou seja, o indivíduo que produz ou habita, vive, ao mesmo tempo em mais de um território.

Assim, o território simbólico-cultural ou culturalista opta por dimensões simbólicas e subjetivas, sendo o território percebido essencialmente como produto da absorção da identidade social do lugar e suas maneiras de viver (HAESBAERT, 2004).

O território para o autor é entendido como movimento, fluidez, num *continuum*, dando origem ao processo de TDR (territorialização, desterritorialização e reterritorialização). Ele entende a desterritorialização, numa conotação mais cultural, como um desenraizamento e “enfraquecimento das identidades territoriais” (HAESBAERT; MONDARDO, 2010, p. 39). Seria como abandonar o território de origem, assim como os emigrantes de Governador Valadares (HAESBAERT, 2003, p. 17). Porém, o vínculo não termina, ele continua em sua memória, em seus anseios, e, em tempos de globalização, com as facilidades que a tecnologia nos traz, essa conexão é mais forte.

Assim, os migrantes vão assimilando todas as novas territorialidades, todo o novo dos distintos territórios e se tornam um ser transterritorial, em que territorialização se dá “no e pelo movimento”, ou transitar em múltiplos territórios.

O estudo discute o território de valor simbólico. A casa e sua segurança afetiva, levando em consideração que, mesmo na concepção simbólica do território, ele envolve uma dimensão material-concreta e as relações de poder (Haesbaert, 2010). A pesquisa pretende verificar se a transterritorialidade do retornado para a microrregião de Governador Valadares é visível em sua residência construída ou reformada.

3.2 DESENHO DA PESQUISA

Este estudo, centrado na linha de pesquisa “Território, Migração e Cultura”, utilizará o referencial teórico de território, migração e arquitetura no que diz respeito à casa e ao modo de habitar.

Rogério Haesbaert foi o autor de território utilizado nas análises e reflexões desta dissertação. A escolha desse autor se justifica pelo fato de ele entender o território em três direções: 1) jurídico-política, o território limitado, controlado, onde se exerce poder, especialmente de natureza do Estado; 2) cultural (ou culturalista), que busca compreender o território de uma maneira simbólica e subjetiva. A apropriação do território pela vivência do sujeito; 3) econômica, que evidencia o sentido material da desterritorialização. Essa perspectiva lança luzes para refletir sobre o território de uma maneira simbólica, material e econômica, aspecto importante para compreender o sentido, a percepção do habitar.

A transterritorialidade, ou seja, o indivíduo que produz ou habita, vive, ao mesmo tempo em mais de um território. Isso é o que percebemos nos emigrantes. Haesbaert; Mondardo (2010) entendem a transterritorialidade em três elementos: os territórios-zona, onde persiste a lógica política, os territórios-rede, onde conserva-se a lógica econômica, e os aglomerados de exclusão. O território-rede equivale a esse caráter móvel do território, principalmente na contemporaneidade, em que os territórios são ligados pela tecnologia. O emigrante está aqui no país de origem e também está lá no país de destino. Aí está a transterritorialidade do emigrado, no ir e no vir. Quando são impossibilitados de voltar ao país de origem, eles mantêm contato direto com os amigos e familiares daqui, mantêm o tipo de comida daqui, veem canal de televisão brasileiro, entre outras coisas. Tudo para se manterem conectados com o território que deixaram. Porém, eles absorvem também muito da vida americana, incluem palavras em inglês no falar em português, criando novos hábitos à cultura dos Estados Unidos.

A migração na microrregião de Governador Valadares é tema intensamente pesquisado e estudado. Muitos estudam e descrevem as nuances desse fenômeno, um dos

autores que tratam do aspecto principal deste estudo, que é o retorno, é Abdumalek Sayad. E temos também estudiosos do fenômeno da migração, que abordam a temática ligada à microrregião de Governador Valadares, tais como: Maxine Margolis, Weber Soares, Gláucia de Oliveira Assis e Sueli Siqueira.

Estudos demonstram que grande parte dos emigrantes segue para o país de destino com o projeto de ganhar dinheiro para investir na moradia. Segundo Martes e Soares (2006, p. 44), “o dinheiro remetido ao Brasil pelos emigrantes distribui-se a Governador Valadares. De acordo com os autores a quantia anual enviada por emigrante para o Brasil é de U\$6.535,00, ou seja, uma média de envio de U\$646,10 numa frequência de 10, 11 meses do ano”.

Os autores ressaltam que os dados em relação ao número de brasileiros nos EUA são subestimados, já que muitos emigrantes não documentados não se reportam à embaixada para comunicá-los de sua emigração. Pelo senso americano de 2000, 247 mil brasileiros viviam no país. Levando esse dado em consideração, o Brasil receberia U\$1.261.255.000,00 por ano das remessas dos emigrantes (MARTES e SOARES, 2006).

Desse montante, a maioria dos emigrantes enviam as remessas para ajudar a família, e logo após, o envio destina-se aos imóveis, em grande parte, para aquisição da casa própria. Nessa perspectiva, o fenômeno da migração internacional é um importante fator para a construção/reforma da casa na região estudada.

A análise da casa e o habitar na perspectiva da arquitetura utilizou o aporte teórico dos autores Nestor Goulart Reis Filho, Juhani Pallasmaa, Francisco Salvador Veríssimo, William Seba Mallmann Bittar, Aline Eyng Savi, Marta Dischinger e Lays Juliani Hespagnol.

A casa física é tida como nosso abrigo, que nos protege de algo indesejável. Além de ser o ambiente da vivência com outras pessoas, com a família e amigos. Nela, se partilha a comida, se partilham valores e ideias. Por isso, “a casa não é apenas uma estrutura material, mas um fenômeno cultural, sua forma e organização são influenciadas largamente pelos contextos aos quais ela pertence” (RAPOPORT, 1976 *apud.* SAVI, DISCHINGER, HESPANHOL, 2015, p. 8).

Portanto, a casa “transmite significados e traduz as aspirações de diferenciação e territorialidade dos habitantes em relação aos outros” (SAVI, DISCHINGER, HESPANHOL, 2015, p. 7). A casa, como dito anteriormente, é o local da vivência e a partir do momento em que existe a relação interpessoal, a casa se torna um lar, o local da convivência, “é lugar de apego, intimidade protegida, carregada de significados e lembranças, onde uns se preocupam com os outros”. A casa torna-se lar “quando é um espaço fechado e humanizado, dotado de valores e sentimentos” (SAVI, DISCHINGER, HESPANHOL, 2015, p. 8).

O lar, como destaca os autores acima citados, acontece quando existem as relações interpessoais. O arquiteto Juhani Pallasmaa (2007, p. 14) questiona que nas escolas de arquitetura os alunos são ensinados a projetar casas, e não lares, e que mesmo assim, o habitante deseja que aquela construção se torne um lar. Para ele, assim como para os autores vistos anteriormente, a residência, ou a casa “possui sua própria psique e alma, além de suas qualidades formais e quantificáveis”.

Seguindo a linha de pensamento de SAVI, DISCHINGER, HESPANHOL (2007), em que o habitar doméstico tem aspectos materiais e imateriais, o arquiteto afirma que a “casa é o envólucro, a casca de um lar” e que “o lar é uma expressão da personalidade do morador e de seus padrões de vida únicos” e que por isso “a essência de um lar é mais próxima da vida propriamente dita do que o artefato casa”, ou seja, o lar é um aspecto também imaterial. Logo, para o autor, “o lar não é um simples objeto ou um edifício, mas uma condição complexa e difusa, que integra memórias e imagens, desejos pessoais e rotinas do dia a dia” (PALLASMAA, 2007, p. 18).

A partir dessa reflexão, de casa, lar e habitar compreenderam-se as representações materiais e imateriais do habitar doméstico decorrente da experiência migratória na microrregião de Governador Valadares. Os participantes da pesquisa são residentes da microrregião de Governador Valadares, maiores de 18 anos que emigraram para os EUA e lá permaneceram por pelo menos cinco anos, retornaram e investiram na reforma, compra ou construção da casa própria. Esses participantes foram localizados a partir de uma busca ativa, realizada por meio de contatos com migrantes, construtores e conhecidos. Foram localizadas sete pessoas com as características definidas pela metodologia do estudo e selecionadas sete participantes, que após a explicação da natureza do estudo, decidiram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹⁴.

A técnica selecionada para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada **(Apêndice A)**.

Segundo Boni e Quaresma (2005, p. 75), a técnica das entrevistas semiestruturadas

[...] combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se

¹⁴ O trabalho também foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o número CAAE: 01676118.3.0000.5157.

deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Trata-se de uma técnica que se apresentou propícia para a coleta de dados do trabalho. Após a formulação das questões com base no problema da pesquisa e seus objetivos, geral e específicos, realizou-se um pré-teste a fim de verificar se as questões estavam bem formuladas e compreensíveis para os participantes do estudo. Essa atividade permitiu fazer correções e aprimorar o instrumento de coleta de dados. Destaca-se que essas entrevistas não foram utilizadas no trabalho. O quadro 2 apresenta dados referentes aos participantes do estudo.

Quadro 2: Participantes do estudo.

NOME	ANO EMIGRAÇÃO	ANO RETORNO	ONDE MOROU	OBS.
Lionel	2002		Newark – Nova Jérsei	Foi e voltou duas vezes
Chloe	2002		Boston - Massachusetts	Foi e voltou duas vezes
Grace	2003	2011	Woburn – Massachusetts	Retornou com o marido depois de o marido ser detido por infração de trânsito
Matthew	2004	2011	Woburn – Massachusetts	Retornou depois de ser detido por infração de trânsito e medo de ser deportado
Jessica	2000		Newark – Nova Jérsei	Foi e voltou mais de uma vez. Atualmente está nos EUA.
Rachel	2001	2012	Charlotte – Carolina do Norte	Retornou depois de o marido ser deportado
Benjamin	2001	2012	Charlotte – Carolina do Norte	Retornou deportado

Fonte: Produção própria da autora, 2020.

3.3 COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de entrevistas em profundidade, seguindo o roteiro (**Apêndice A**). Para todos os participantes foi entregue o TCLE que, depois de lido e esclarecidas todas as dúvidas, foi assinado pelos mesmos em duas vias, sendo que uma cópia ficou com os entrevistados. As entrevistas aconteceram entre os meses de novembro de 2018 e março de 2019, seis delas nas casas dos emigrados, no horário estabelecido por eles. Durante a entrevista, todos convidaram a pesquisadora para conhecer o interior da casa e apresentaram, de modo espontâneo, suas relíquias trazidas dos Estados Unidos. Mostravam fotos de seu cotidiano no país de destino. Somente uma entrevista foi feita nas dependências

da Univale, por escolha do entrevistado.

Além das entrevistas, também foram feitas anotações e observações no diário de campo, um instrumento auxiliar nesse tipo de pesquisa, e que em grande parte das vezes, utiliza-se de uma linguagem e um formato menos formal, neste sentido Meihy (2005, p. 187) destaca:

O caderno de campo deve funcionar como um diário íntimo no qual são registrados inclusive os problemas de aceitação das ideias dos entrevistados, bem como toda e qualquer reflexão teórica decorrente de debates sobre aspectos do assunto[...]. O caderno de campo deve ser íntimo e o acesso a ele exclusivo de quem dirige as entrevistas.

Nele foram anotados detalhes do mobiliário, a disposição dos móveis, a resolução arquitetônica das casas, e outros pequenos detalhes em relação à arquitetura de interiores das casas e do local das entrevistas.

3.4 ANÁLISE DOS CASOS

As entrevistas em profundidade foram gravadas em mídia digital e transcritas. Em seguida, as gravações de voz foram apagadas para garantir a não identificação dos participantes. As transcrições foram guardadas em arquivo com senha e acesso restrito aos pesquisadores na rede da Universidade Vale do Rio Doce – Univale, na pasta do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento Regional – Neder, sob a guarda da responsável pelo núcleo, professora Doutora Sueli Siqueira.

Nas transcrições das entrevistas e ao longo do corpo do trabalho foram utilizadas codificações em relação aos participantes para garantir a não identificação destes. Conforme pode ser observado no quadro 2, os nomes dos entrevistados foram alterados para nomes tipicamente americanos, de forma aleatória. São eles: Rachel, Benjamim, Lionel, Matthew, Grace, Chloe e Jessica.

Na transcrição das entrevistas foram registrados todos os detalhes da gravação, sendo fidedigna a fala dos entrevistados, observados inclusive silêncios, interrupções, e etc. A duração total das gravações gira em torno de nove horas de conteúdo, um pouco mais de uma hora para cada participante.

A análise de conteúdo, técnica utilizada neste estudo, é um conjunto de instrumentos metodológicos que são utilizados para análises de discursos diversificados, numa perspectiva qualitativa. Bardin (1977, p. 9) afirma que “a análise do conteúdo é um conjunto de

instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Tal análise se realiza a partir de três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material coletado, e 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na primeira fase, faz-se a organização da análise de conteúdo. Antes de iniciar a análise propriamente dita, é importante organizar os materiais e ver o que está disponível. Nessa fase, é possível avaliar o que faz sentido analisar e o que ainda precisa ser coletado.

Na segunda fase, temos as etapas de codificação e categorização do material. Na etapa final, se tratam os resultados obtidos e interpretação, “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos” (BARDIN, 1977, p. 101). Ao final, realiza-se interpretação dos dados, em que se utilizam, ainda, as inferências observadas pela pesquisadora.

Como a análise de conteúdo “trabalha com o conteúdo, ou seja, com a materialidade lingüística através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 683), entendemos que essa técnica é adequada para compreendermos e analisarmos o conteúdo das entrevistas com os retornados.

Levando-se em consideração que a presente pesquisa busca compreender se a experiência migratória alterou de alguma maneira a forma de vivenciar a casa, as categorias utilizadas para analisar as entrevistas foram:

O morar antes da emigração, o morar no país de destino, o morar de volta ao país de origem. Foram acrescentados os cômodos, quarto, sala e cozinha, por serem os cômodos que se repetiram nas falas dos entrevistados.

As entrevistas foram divididas em três etapas, o compilado de perguntas que levava o participante aos tempos de antes da migração, o localizava no tempo e espaço, o que ele fazia, com o que trabalhava, onde morava, como era essa casa, qual o cômodo da casa era o mais utilizado por ele e pela família, como estavam seus pensamentos e anseios antes de emigrar. Num segundo momento, o emigrado era convidado a falar sobre a sua chegada ao país de destino, suas primeiras impressões e a casa que lá habitou. Na última etapa, o participante é levado a refletir sobre o retorno e descreve o estar de volta ao país de origem, e aqui compartilha como foi sua chegada, como era a casa que veio morar e o que daqui do Brasil ele levaria para a casa americana, e o que da casa americana, ele traria para a casa brasileira.

As análises do conteúdo da entrevista ficaram evidenciadas as seguintes categorias de análise: A arquitetura da casa, a concepção de morar lá e cá, o habitar após a migração ou as marcas da migração no habitar. Essas categorias foram o delineador das análises presentes no

capítulo 3.

3.5 RESULTADO FINAL OU RESPOSTA À QUESTÃO CENTRAL

No capítulo 4 são realizadas as análises dos dados, observando as categorias que surgiram nos relatos dos participantes em conjunto com as reflexões dos três aspectos teóricos que nortearam o estudo (Território, Migração e a arquitetura do habitar ou da casa). Esta reflexão permitiu a resposta ao objeto central desta dissertação, ou seja, “De que maneira é apresentada a transterritorialidade do retornado Valadarense na sua arquitetura domiciliar?”, apresentada na conclusão do estudo.

CAPÍTULO 4 - IMPLICAÇÕES DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA NA ARQUITETURA DOMICILIAR E MODOS DE MORAR

O arquiteto Romano Vitruvio, que viveu no século I a.C, descreve os princípios da arquitetura à cabana montada para proteger e manter o fogo aceso para aquecer seus habitantes. “A partir dessa primeira concepção a arquitetura se liga a construção de casa como abrigo e este conceito se amplia para abrigo da família” (ZABALBEASCOA, 1996, p. 7).

Entender e compreender a experiência migratória na vivência da casa, do espaço edificado que protege o emigrado de todos os perigos da nova vida em um território distinto e no retorno é o propósito deste estudo e envolve vários aspectos como: a experiência de casa do emigrante da microrregião de Governador Valadares no país de destino, no retorno e a transterritorialidade vivenciada neste espaço físico, subjetivo e de memória. O presente capítulo refletirá sobre esses aspectos, destacando as diferenças entre a arquitetura domiciliar na região de origem e também na região de destino, além de esclarecer como os emigrados vivenciavam tal casa durante o tempo de emigração.

4.1 ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS NA ARQUITETURA DOMICILIAR NA REGIÃO DE ORIGEM

A cidade de Governador Valadares foi planejada numa perspectiva modernista, possuindo atualmente um total de 282.164 habitantes (IBGE, 2022). No período da emancipação da cidade, no ano de 1937¹⁵, o país passava por algumas transformações arquitetônicas com a verticalização das construções e o surgimento de bairros operários na periferia das grandes cidades. “Surgiram também bairros mais sofisticados com paisagismo, denominados bairros-jardins, onde residia a população com maior poder aquisitivo” (REIS FILHO, 2004, p. 64).

Há um aperfeiçoamento das técnicas construtivas nesse período, muito pela mão de obra do imigrante europeu. Vale ressaltar que, nessa época, a cidade de Governador Valadares recebeu não só os engenheiros e funcionários norte-americanos que trabalhavam na ampliação da estrada de ferro, como recebeu, também, imigrantes internos vindos das regiões rurais e de outros estados, como Espírito Santo, Bahia, e alguns de nacionalidade estrangeira, como italianos, espanhóis, sírios e libaneses (GUIMARÃES, 2007).

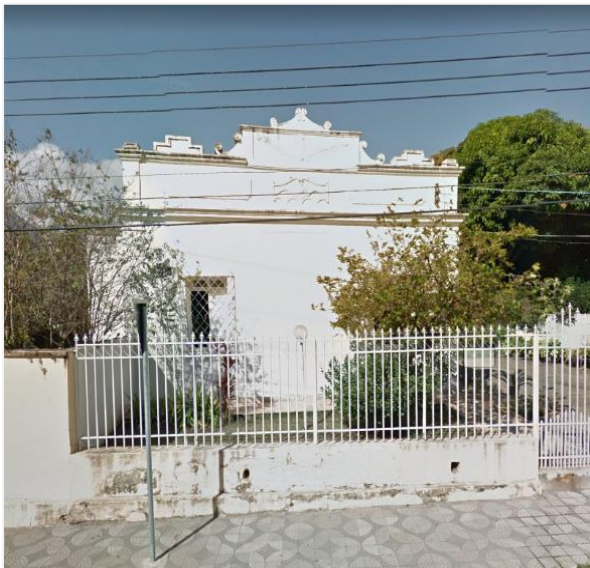
¹⁵ A cidade foi emancipada em 31 de dezembro de 1937 com o nome Figueira. Em 17 de dezembro de 1938, mudou o nome para Governador Valadares.

Sobre as edificações residenciais da época, as casas são construídas com afastamento nas laterais e na frente, onde localizava os jardins e espaço para entrada do carro da família, como destaca Reis Filho (2004, p. 67).

Conservando-se em geral sobre os limites laterais dos lotes, recuavam quase sempre alguns metros das vias públicas, onde apreciam miniaturas de jardins. Com esses surgiam, também, certas inovações plásticas, de sentido puramente formal, onde se acompanhavam de modo quase caricato as variações das correntes arquitetônicas. Em casos especiais, surgiria um afastamento, em um dos lados, dando lugar a uma passagem para automóveis.

Podemos perceber alguns desses elementos visíveis nas casas valadarenses, como pode ser exemplificada na figura 23, situada na Rua Direita, atualmente Rua Prudente de Moraes. Conforme destaca Verissimo e Bittar (1999), o jardim, que agora existe na frente das casas, é a fronteira entre o público (rua) e o privado (o lar). Tal jardim pode ser observado na figura 23, exemplar mais antigo das casas da Rua Prudente de Moraes. Também podemos observar o afastamento lateral para entrada do veículo.

Figura 23: Casa rua Direita, hoje Prudente de Moraes.



Fonte: Google Earth.

Entre as décadas de 1930 e 1940, o Brasil já executava edificações modernas, porém as casas em Governador Valadares ainda tinham resquícios do estilo eclético, anterior ao movimento moderno. Nesse período, seguia a grande massa de pessoas que saíam do campo para poder viver na cidade, buscando novas oportunidades nas indústrias da mica ou da madeira, e assim, a necessidade de novos bairros crescia. Durante a administração do prefeito Raimundo Albergaria, alguns bairros surgiram, como: Nossa Senhora das Graças, São

Tarcísio, Alto Carapina, Esgoto, bairro de Lourdes e Santa Terezinha (GUIMARÃES, 2007).

Tais bairros encontravam-se fora do perímetro urbano planejado para a cidade e não foram abastecidos satisfatoriamente com a rede de esgoto até a década de 1970, diferentemente da região central, que possuía a infraestrutura necessária. Nessa região surgem edificações de casas residenciais no estilo modernista (figura 24), principalmente no centro da cidade, e nos bairros centrais como Esplanada, que apresenta um conjunto de casas residenciais neste estilo e abriga a população mais abastada.

Figura 24: Casa em estilo modernista no Centro da Cidade de Governador Valadares.



Fonte: Google Earth.

Na década de 1980, a cidade e região vivencia o auge da emigração para os Estados Unidos. Esse movimento iniciou nos anos de 1960, ganhando volume ao longo dos anos, configurando uma rede migratória e a cultura da emigração. O projeto migratório era comprar (ou reformar) uma casa, um carro e estabelecer um negócio (SIQUEIRA, 2009). Em função deste fluxo crescente de emigração, nos anos de 1980 surgem novos bairros, com construções financiadas pelas remessas enviadas pelos emigrantes (SOARES, 1995). Um desses bairros é o Esplanadinha, com construções de várias casas e edifícios de 3 ou 4 andares, como pode ser observado na figura 25.

Figura 25: Bairro Esplanadinha.



Fonte: Arquivo do NEDER/GIT, 2014.

Ao longo dos anos, a cidade seguiu crescendo horizontal e verticalmente, com o surgimento de novos bairros em seu entorno e uma concentração de edifícios verticais na região central. Durante a permanência nos Estados Unidos, o migrante vivencia uma nova experiência no modo de habitar, pois a configuração da casa apresenta arquitetura diferenciada do seu lugar de origem. É nesse contexto que este estudo busca refletir sobre o significado da casa para o migrante quando retorna.

4.2 UM PANORAMA DA ARQUITETURA DOMICILIAR NOS ESTADOS UNIDOS

Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos os colonizadores trouxeram seus modos de habitar que mesclaram com a cultura dos nativos, moldando o modo de habitar naquele território.

As edificações domésticas americanas são caracterizadas por dois tipos: as casas populares (*folk houses*) e as casas com estilo (*styled houses*). As casas populares são as casas simples, projetadas por leigos. McAlester (2017, p. 5) cita que

Casas populares são aquelas projetadas sem uma tentativa consciente de imitar a moda atual. Muitos são construídos por seus ocupantes ou por construtores não profissionais, e todas são casas relativamente simples, destinadas a fornecer abrigo básico, com pouca preocupação em apresentar um estilo (tradução nossa).

Situação não muito diferente nas construções brasileiras executadas pelos escravos, principalmente nas cidades de interior, onde a mão de obra não tinha conhecimento técnico e teórico suficiente para que tal edificação se enquadrasse totalmente aos padrões de estilo da época e dos colonizadores. Com o fim da escravidão e a chegada dos emigrantes europeus adensa essa influência, pois estes trouxeram novos conceitos do abrigo e do significado do habitar (REIS FILHO, 2004).

Pudemos compreender então que o território americano, assim como o brasileiro, foi formado arquitetonicamente passando por diversas culturas e maneiras de redefinir o abrigo, a casa, e assim, produzindo um novo modo de perceber e construir o abrigo.

As casas americanas, em sua maioria, são modeladas em uma das quatro principais arquiteturas tradicionais, que são a Clássica Antiga, Renascentista Clássica, Medieval e Moderna. O mais antigo, o estilo Clássico Antigo é baseado nos monumentos da Grécia e Roma antigas. O intimamente relacionado como tal estilo, o estilo Renascentista Clássico, provém de um ressurgimento do interesse no classicismo durante o renascimento que começou na Itália no século XV. Estes dois estilos de tradições clássicas compartilham muitos dos mesmos detalhes arquitetônicos (McALESTER, 2017).

O estilo Medieval separou os dois estilos anteriores. A tradição Medieval inclui arquitetura baseada no estilo gótico formal, usado para igrejas durante a idade média, bem como o baseado nos edifícios domésticos mais simples da mesma época. A maior parte da arquitetura medieval que influenciou a casa americana teve origem nas metrópoles colonizadoras, na Inglaterra e na França.

O quarto estilo, o movimento Moderno, começou no final do século XIX e continua até a atualidade. Caracteriza-se pela falta de ornamentação, o que resulta em uma arquitetura baseada na simplicidade. Tudo isto foi possível devido aos novos materiais e técnicas de construção (McALESTER, 2017).

Outras tradições também influenciaram as casas americanas, principalmente as de origem espanhola. Tanto as estruturas simples construídas durante a era colonial espanhola nos Estados Unidos quanto a arquitetura mais elaborada da Espanha e da América Latina inspiraram edifícios domésticos americanos. Além disso, modelos orientais e egípcios também influenciaram o design das casas americanas (McALESTER, 2017).

Cada um dos estilos tradicionais citados produziu outros estilos da casa americana, a partir do momento em que eles foram interpretados e reinterpretados durante tempos distintos da construção.

Por ser o território de início da colonização, a região da Nova Inglaterra apresenta mais claramente o processo. Os emigrantes que ali chegaram, levaram consigo a maneira de construir e morar de seus países de origem. De início eram de inspiração do Medieval tardio, já que o Renascimento não tinha ainda se espalhado pela terra natal. Como a maioria das casas do século XVII não tinham os detalhes construtivos e decorativos medievais, elas eram classificadas como “*folk houses*”¹⁶, no período de 1600 a 1820 (McALESTER, 2017).

Segundo McAlester (2017), as evoluídas colônias inglesas da costa leste começaram a trazer de fora a moda georgiana inspirada na Renascença, que iria prevalecer nas colônias por quase um século antes de serem substituídas pelo estilo inglês Adam, (chamado Federal nos Estados Unidos). Assim, houve a ruptura com as regras britânicas.

As casas românticas tiveram seus expoentes no território americano de 1820 a 1880. O primeiro estilo romântico popular foi o renascimento grego. Dominaram os recém-independentes Estados Unidos durante grande parte da primeira metade do século XIX. Os modelos arquitetônicos evocativos da democracia grega foram considerados especialmente adequados na nova república, pois rejeitavam os laços tradicionais com a Inglaterra nas décadas seguintes à Guerra de 1812 (McALESTER, 2017).

A popularidade simultânea de vários estilos arquitetônicos com antecedentes diferentes iria persistir como um tema dominante ao longo da história posterior da habitação americana. Todos os estilos românticos se originaram e cresceram antes de 1860. O estilo grego (1830 a 1850 – 1860 no Sul), o italiano (1850 até 1875) e o gótico, que era mais complexo de ser construído e era menos comum que os citados acima. A Guerra Civil marcou o fim do classicismo grego, mas as casas em estilos italiano e gótico permaneceram populares até 1880 (McALESTER, 2017).

¹⁶ Casas populares – tradução nossa.

Figura 26: casa em estilo romântico em Newark, NJ, EUA.



Fonte: Arquivo do NEDER/GIT 2020.

Figura 27: casa em Governador Valadares/MG



Fonte: Arquivo do NEDER/GIT 2020.

É possível observar a semelhança de estilo entre a figura 26 e a figura 27. A primeira, uma casa no estilo romântico em Newark, cidade com forte presença de migrantes da Microrregião de Governador Valadares, e a figura 27, uma casa em construção em Governador Valadares.

A primeira fase do estilo romântico começou silenciosamente nas últimas décadas do século XIX. No final da primeira guerra mundial, a moda na arquitetura doméstica americana retornou aos estilos tradicionais, já que nas duas primeiras décadas do século XX, o estilo foi quase interrompido pelas primeiras aparições da arquitetura moderna. Algumas residências, inclusive, incorporaram alguns aspectos do estilo moderno (McALESTER, 2017).

Foi o arquiteto americano Frank Lloyd Wright que primeiro exerceu suas habilidades na formação do movimento moderno nos EUA, criando um novo tipo de casa, com interiores de fluxo livre, novos efeitos espaciais e um vocabulário inovador de ornamentos, que não imitavam formas históricas como os estilos anteriores. Wright acreditava no ornamento, porém, quando foi viver na Europa, os arquitetos europeus mudaram drasticamente o Movimento moderno, rejeitando os ornamentos (McALESTER, 2017). Na figura 28, abaixo, podemos observar poucos ornamentos na casa, além das texturas dos revestimentos.

Figura 28: Casa em estilo Arts and Crafts – Montclair – New Jersey (estilo moderno do início do século XX).



Fonte: <https://www.nytimes.com/2008/07/06/realestate/06zone.html>.

Casas com estilos tradicionais que remetem aos estilos passados se revezam com as de estilo moderno ao longo do século XX. A Segunda Guerra Mundial terminou rapidamente com o movimento eclético das décadas de 1920 e 1930, quando os gostos do pós-guerra abraçaram com entusiasmo os estilos modernos ao longo das décadas de 1950 e 1960.

Como o novo milênio chegava a construção de casas cresceu, e simplesmente enxertar detalhes históricos em formas de meados do século não era mais suficiente. Três novos tipos de estilos de casas apareceram – Mansões Millennium, Novas casas tradicionais e Vernacular Americana – a mais ampla variedade de estilos de casas já construídos ao mesmo tempo nos Estados Unidos. Isso foi possível pela internet e seu conteúdo explosivo, fornecendo acesso imediato para visualizar precedentes históricos e solicitar detalhes de reprodução. Juntos, esses três grupos de casas, todos com algum precedente histórico, compõem a grande maioria das casas construídas durante o *boom* habitacional milenar que começou por volta de 1990 e quase terminou com a crise financeira de 2008.

É nesse panorama arquitetônico da moradia que se encontram os brasileiros que emigram para os Estados Unidos. Compreender essa arquitetura e como durante a emigração os participantes desta pesquisa se relacionavam com ela ajudará a responder à questão central deste estudo, ou seja, de que maneira é apresentada a transterritorialidade do retornado valadarense na sua arquitetura domiciliar? No item seguinte será descrita essa experiência, ou seja, habitar em uma arquitetura de outra cultura.

4.3 A CONCEPÇÃO DE MORAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA

Conforme a descrição da metodologia realizada no capítulo 2, foram feitas sete entrevistas com emigrados que moraram nos Estados Unidos. Os relatos desses participantes são os dados chave da discussão que se fará a seguir.

Dentre os participantes, dois moraram na cidade de Charlotte, no estado da Carolina do Norte. Ao serem perguntados sobre como era a cidade e a casa na qual foram morar logo que chegaram percebe-se uma dificuldade em expressar em palavras como percebiam esse espaço, porém, sempre enaltecendo a diferença.

Ah! Loucura! Loucura, fui pra casa do meu irmão, quando você chega, você vê a diferença de uma país pro outro! É tipo assim uma coisa incrível! Você fica... dá aquele choque, entendeu? (Benjamim¹⁷)

¹⁷ Os nomes dos entrevistados foram alterados para sua privacidade.

Rachel assim descreve a diferença que percebia entre sua terra de origem e esse novo território.

[...] primeira coisa da diferença que dá o choque visual. [...] essa diferença, todas as casas muradas, toda cercada, cerca elétrica, casa sem rebocar do lado de fora, sem acabamento. Aí quando você chega lá, tudo bonito, verdinho entendeu? As casas sem muro [...] primeiro choque é esse entendeu? (Rachel)

A primeira moradia de Benjamin foi na casa do irmão, que assim descreve:

Era um duplex, tinha uma sala, você chegava tinha uma salinha, cozinha, aí tinha uma areazinha, tinha [...] uma sala de jantar [...]. Tinha uma escada subindo.

Destaca que a cozinha era integrada com a sala.

Sim. Só tinha um balcão [...] e aí tinha uma escada e tinha os quartos em cima. Um banheirozinho embaixo entendeu, os quartos em cima e mais um banheiro.

Tratava-se de uma cozinha aberta, integrada à sala. Como foi descrito no capítulo anterior, tal possibilidade arquitetônica surgiu no movimento moderno americano em meados do século XX, portanto, podemos entender que o duplex no qual Benjamin viveu era, no mínimo, datado dessa época. O estranhamento fica evidente em seu relato quando descreve a diferença das casas no seu território de origem e no novo território. Pela sua descrição, Benjamin residia em um bairro de periferia com casas sem reboco e muradas. O interior também lhe causa espanto. É um olhar de comparação e de admiração pela beleza e organização deste novo habitar.

Rachel também foi morar inicialmente com a irmã, que morava no mesmo condomínio de Benjamin, e assim descreve sua primeira moradia.

[...] na hora que você chegava já tinha a escada que ia pra cima, aí tinha uma sala, aí tinha um corredor que tinha a lavanderia e o lavabo, a cozinha e uma sala grandona nos fundos com a sala de jantar”.

Sobre a cozinha da casa destacou que era conjugada. A cozinha ficava no meio entre as duas salas.

A cozinha ficava tipo no meio né. Era uma sala aí tinha uma cozinha e aqui outra sala.

Rachel descreve que existiam alguns degraus na entrada para uma varandinha, antes da entrada na casa. Tal varandinha é o pórtico de entrada, como pode ser observado na figura 29, sendo um elemento típico das casas da Carolina do Norte, tanto nas casas de estilo colonial quanto de estilo romântico. Tais elementos também são encontrados em casas de estilo eclético.

Figura 29: casa em estilo romântico (renascimento Grego) em Marion, Carolina do Norte.



Fonte: <https://www.oldhouses.com/4149>.

Figura 30: entrada casa construída na cidade de origem.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 31: Fachada de uma casa de emigrante retornado em sua cidade origem.



Fonte: Acervo pessoal

Podemos perceber na Figura 29 uma casa da Carolina do Norte, em Marion, a aproximadamente 154 km de distância de Charlotte, cidade de destino da emigrante Raquel e seu marido. É visível o pórtico de entrada alto, com escada para acessar o *hall*, e colunas redondas que remetem às colunas gregas.

Ao retornar para sua cidade de origem Raquel constrói sua casa (figuras 30 e 31). Podemos observar as colunas redondas, a escada de entrada para a porta principal e uma estrutura que lembra o pórtico no andar superior. Notamos então, mesmo que sutis, os elementos arquitetônicos americanos na casa construída ao retornar.

Os demais participantes do estudo migraram para a região da Nova Inglaterra. Uma cidade que recebe muitos imigrantes é a cidade de Newark, em Nova Jérsei. Jéssica foi encontrar seu marido, que tinha emigrado antes dela. Ela deixou os dois filhos sob o cuidado da irmã e partiu para o encontro com o esposo. Assim Jéssica descreve suas primeiras impressões quando chegou à cidade de destino:

Então quando eu cheguei lá nos Estados Unidos é engraçado, por que quando a gente chega lá a gente tem uma surpresa. Por que, principalmente, na cidade que eu fiquei que era em Newark, onde tem muitos brasileiros, muitos imigrantes, é uma cidade de imigrantes. Então, assim não tem nada a ver com o que a gente imagina aqui. Você pensa que você vai chegar, assim num lugar, a maravilha do mundo, aquela coisa toda, mas, não é nada disso. Então fiquei meio assustada [...]. E foi a minha primeira impressão. Até então, não tinha ido em cidade americana, não conhecia nada nos Estados Unidos [...], então eu fiquei meio assim surpresa. E, aí a casa que eu cheguei, meu marido morava com uma família e essa casa era muito grande tinha vários quartos então eles alugavam os quartos e o meu marido tinha um quarto alugado lá. E, aí era muita gente que morava nessa casa. Sabe era complicado, assim, na hora de fazer comida aquele monte de gente cada um tem um costume, e aí, eu cheguei falei assim [...] não tem condições da gente continuar aqui.

Geralmente os emigrantes brasileiros residem em regiões das cidades americanas, que com a reestruturação econômica foram esvaziadas e tornaram-se regiões degradadas. Nesses espaços o aluguel é mais acessível (SIQUEIRA, 2009). Uma prática comum é alugar uma casa grande e sublocar os quartos. Este foi o lugar onde Jéssica foi morar. A falta de privacidade e o grande número de pessoas circulando causou-lhe incômodo.

Lionel afirma que suas primeiras impressões também não foram tão boas. Ele primeiro chegou à casa de um primo em Massachusetts, porém não se adaptou ao local e em um mês foi para Newark. Em sua primeira casa, ele dividiu com outras pessoas. Com a chegada da esposa, que não se adaptou em morar em um quarto alugado, compartilhando

banheiros e cozinha com outras pessoas, alugou uma casa na periferia da cidade de Newark.

Então nessa cidade que eu morava em New Jersey é as casas eram [...] de imigrantes uma colonização de portugueses[...] e de latinos americanos, europeus também da Espanha [...] e de outros países. [...] construía essas casas pra três famílias, aqui eles falam prediozinho, mas, lá não. Cada piso uma morada, você entendeu, então eram casas grandes, espaçosas, [...] eram dois quartos e uma suíte e, normalmente, [...] as cozinhas são conjugadas com a copa. Escada de entrada, um rollzinho de entrada, e se chega normalmente pela sala onde tá a televisão e tal. Tem uma sacadinha direto na rua ali pra você sair de casa [...].

Assim como na descrição das casas do estado da Carolina do Norte, aqui também percebemos a cozinha integrada à sala. Lionel destaca que a casa que eles viviam era nova, isso nos permite dizer que a cozinha integrada à sala é uma constante no país, em edificações após a segunda metade do século XX.

Três outros entrevistados moraram também na região da Nova Inglaterra, porém no estado de Massachusetts. Grace, a única dos sete entrevistados que emigrou com visto de turista, chegou primeiro em Miami, onde tirou carteira de motorista e depois foi para a casa do tio, em Massachusetts.

É eu cheguei na casa desse meu tio, primeiro eu cheguei em Miami eu fiquei em Miami e tirei a carteira de motorista [...]. Ai eu achei [...] que tem [...] organização [...] eu achei tudo muito [...] limpo, muito organizado, tudo muito novo, [...] eu não via carro velho na estrada [...]. [...] eu não falava praticamente nada e eu cai no aeroporto de Atlanta que eu considero pra mim o pior de todos porque é um salão e tudo subterrâneo, ai você chega da roça [...] sem falar nada, quando você olha aquele salão daquele tamanho cadê o avião, ai você encontra um anjo que é americano que ele consegue fazer você entender onde você tem que ir. Nossa!...cheguei no paraíso [...] ai cheguei na casa do meu tio, um apartamento era um condomínio.

Depois do susto e da ajuda para saber como chegar ao destino, Grace relata sua impressão sobre a casa americana em que foi viver.

Eu achei [...] pouca ventilação eu senti abafada dentro da casa, por que é uma característica as aberturas são menores, o pé direito muito baixo, aquilo ali meio claustrofóbico isso é muito comum, e a gente acostumada a sentir o friozinho da cerâmica aqueles carpete por todo lugar, aquele aquecedor na mente, então a primeira impressão foi assim essa questão de abafamento, claustrofóbico o ambiente.

Matthew, outro participante do estudo, relata que passou por momentos difíceis na travessia de fronteiras. Descreve como estranha a primeira impressão do país americano. Morou com a irmã no mesmo edifício da Grace.

Eu achei muito estranho. Quando eu cheguei eu achei que era assim um lugar cenográfico, assim eu cheguei não vi nenhuma luz acesa nas casas ninguém, nenhuma janela essa questão que ela tava falando, das janelas, nenhuma janela aberta, ninguém brincando na rua.

Chloe, que também morou no mesmo estado, diz que sentiu “dentro de um filme. Um país de primeiro mundo tudo lindo, tudo bonito tudo diferente só estranhei muito né? O clima, as pessoas”. Ela ainda cita que as pessoas andam pouco a pé e muito de carro, e não se vê muita gente na rua. No inverno, as pessoas andam muito “empacotadas” e no primeiro mês ela já sentiu saudades do sol do Brasil.

A primeira casa que Chloe morou foi com o então namorado que a recebeu. Ele morava num quarto alugado em um edifício de três andares, no qual cada família habitava um andar. Era um prédio antigo e as madeiras rangiam quando se andava, e também ressalta que a cozinha era um cômodo fechado e não conjugado com a sala. É relevante citar a percepção da entrevistada em relação à casa e ao quarto do namorado:

É um prédio com três casas, aí tinha embaixo, aí você subia a escada era tipo assim esse viral, aí tinha o segundo piso. Era uma casa por andar e em cima era a casa onde ele morava que era o terceiro, [...] terceiro e último piso, tinha três quartos a casa era três quartos e ele pagava aluguel desse quarto que era dele, mas era assim um banheiro pra todo mundo usar, uma cozinha pra todo mundo usar uma sala pra todo mundo usar, só que ele tinha televisão no quarto dele. **A privacidade que ele tinha era naquele quartinho dele, entendeu?** (grifo nosso)

Chloe destaca a falta de privacidade nas circunstâncias de moradia que vivia como imigrante, e afirma que uma das coisas que mais a incomodava nessa época não era dividir o quarto com mais três pessoas, mas sim, dividir a geladeira:

[...] quarto grande. [...] ficava uma beliche num canto outra beliche no outro e aí tinha esses guarda roupa tipo [...] de nylon que vem com um zíper, entendeu? [...] tinha um closet que ele era dividido pra duas pessoas, eu peguei a metade dele. O que eu achava pior era a geladeira, cada divisão da geladeira agente tinha direito a metade cada bandeja cada parte, só a metade da geladeira, e a parte de

cima da geladeira onde cabe coisas a mais alta era de todo mundo. Lá a gente comprava galão de leite, galão de suco [...] tudo dividido. Isso ai eu achava horrível, não consegui me acostumar com essa divisão. E tipo assim eu comprava as minhas coisas de comer a outra menina comprava as coisas dela de comer a comida era diferente cada um fazia a sua achava isso muito ruim [...].

Grace e Matthew também citam a vida na casa como confinada no quarto. Para conseguir alguma privacidade colocaram um frigobar, um micro-ondas, uma televisão e um computador no quarto, e praticamente não usavam mais nenhuma parte da casa. Utilizavam a cozinha o mínimo possível, diferente de sua convivência no espaço doméstico no Brasil. Em suas palavras:

[...] a gente tá muito preparado pra receber no Brasil [...], pra encontrar, até mesmo nem digo os de fora da família, você tem muito mais tempo ocioso [...], então todo mundo encontra, conversa e lá não, todo mundo correndo, ia pro seu quarto.

Podemos perceber que as diferenças em relação ao território são visíveis nas falas dos entrevistados, mesmo nas percepções de desconforto em relação ao lugar. O sujeito, ao chegar num território distinto, reage ao novo, ao diferente, pois os elementos arquitetônicos são distintos do seu lugar de origem. Se num primeiro momento percebe a beleza desse novo lugar, no uso cotidiano, dentro das suas condições de emigrante, percebe a diferença e isso lhe causa desconforto e estranheza, contudo observam a funcionalidade e arquitetura das casas e, no retorno, buscam incorporar alguns aspectos dessa vivência em suas moradas.

Segundo Marandola Jr.; Dal Gallo (2010, p. 410,411), ao sair de seu lugar de origem, da sua casa, o migrante fica desestabilizado e causa um “abalo na segurança existencial e identidade territorial do migrante, que tem que enfrentar um desencaixe espacial”. A necessidade de se reestabelecer em um novo território é relevante tanto em termos comportamentais quanto também no próprio modo de ser, por outro lado, esta experiência migratória influencia sua percepção de mundo e seu jeito de habitar.

Conforme afirma Sayad (2000, p. 14), a migração não acontece sem deixar alguma marca,

Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, outras vezes estando plenamente conscientes dos efeitos.

Pallasmaa (2017) destaca a nostalgia de se abandonar um lar e que estudos do professor Finlandês Frode Strommes apontam que o nosso primeiro lar está na casa da nossa língua materna e que a linguagem define o nosso território pessoal, e assim, chamamos o quarto de “meu quarto”, “minha casa”. O emigrante ao chegar ao país de destino não tem o seu lugar, o seu território, ele tem que construí-lo.

Logo, entendemos que o estranhamento visível nos relatos acima existe porque o migrante não consegue simplesmente desconsiderar sua história e conhecimento para se adaptar prontamente a uma nova realidade. Ele deixou no país de origem um lar repleto de memórias e costumes. Novos costumes e hábitos são moldados com tempo e nunca da maneira exata do território de destino, pois como diz Pallasmaa (2017, p. 119) “enquanto me adapto ao lugar, o lugar se acomoda em mim”.

4.4 O MODO DE HABITAR APÓS A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA

Os emigrantes, conforme destaca Siqueira (2009), buscam melhores condições de vida para si e para sua família. Isso inclui a moradia, pois como destaca Zababeascoa (1996), a casa é a guardiã de todos os sonhos e expectativas de uma nova vida.

No retorno para seu território, seja por meio da construção ou de uma reforma, o migrante tenta transformar esse espaço em seu lugar de aconchego. Esse espaço, como destaca Zababeascoa (1996, p. 7), “é o corpo fortalecido, o quadro do mesmo. É o confidente mudo e respeitoso, o testemunho do que acontece no seu interior, o colo quente e o véu misterioso, quando visto de fora”. Nessa casa, dentro desse abrigo está o nosso lar, “onde guardamos nossos segredos e expressamos nosso eu privado. É nosso lugar seguro para descansar e sonhar” (PALLASMAA, 2017, p. 26).

A partir dos relatos, neste item, será destacado como as influências do habitar e da convivência em outra cultura modificaram a percepção e o jeito de morar no retorno. Será destacado o que existe na casa americana que poderia ser adaptado à casa brasileira e o que da casa brasileira poderia ser adaptado à casa americana, de acordo com a vivência dos migrantes.

Jessica, que morou nos Estados Unidos por duas vezes, na cidade de Newark, em Nova Jérsei, relata inicialmente que sua experiência migratória não promoveu nenhuma mudança em relação à configuração de sua casa no Brasil. Ela cita somente o conforto do ar condicionado central das casas, e a quantidade de armários pela casa:

“Então nessa última casa que eu morei [...] antes de vir [...] é uma casa boa, tem uma sala mais ou menos, assim, bem ampla só que a cozinha é menor que a minha, mas, também tem armário que não acaba mais, armário de fora a fora. Muito armário, armário dentro do banheiro, armário no corredor, armário pra todo lado [...]”.

Ela destaca que essa seria a coisa boa para trazer para a casa brasileira, os armários, porém ela não o fez na casa que construiu porque precisava economizar para terminar a obra rápido, para o marido poder retornar com o filho. Apesar de afirmar que sua experiência migratória não modificou seu jeito de habitar, Jessica construiu a casa em Governador Valadares no bairro que sempre morou. A cozinha é integrada à sala de jantar e estar, e ela afirma que buscou essa tipologia a partir do que viu e vivenciou nos Estados Unidos. Outro detalhe importante citado pela entrevistada é que ela pretende fazer uma ilha na cozinha, elemento comum da cozinha americana contemporânea, e muito presente hoje nas novas construções no Brasil.

É muito lindo, inclusive eu quero até fazer uma ilha ali na minha cozinha e colocar essa pedra, né? em cima, porque nossa, as cozinhas de lá são bonitas demais, é linda demais, sabe a ilha na cozinha, aqueles lustres, nossa, assim em cima das ilhas [...]

Benjamim destaca que o ar condicionado central foi o que considerou mais interessante de trazer para a casa no Brasil. Considera uma necessidade a casa toda ser refrigerada ao mesmo tempo, porém entende que aqui no Brasil, financeiramente, isso não é viável para as pessoas de classe média baixa e classe baixa, em função do custo da energia.

Rachel e Jéssica trariam para a vivência da casa brasileira o closet. Para elas, os guarda-roupas que se compra no Brasil são muito frágeis. Daqui para lá elas levariam a área gourmet. Um espaço com churrasqueira fixa, fogão e geladeira para receber os amigos.

A eu traria assim a questão dos closet dos quarto por que aquele trem de guarda roupa misericórdia não existe aquilo, que cê compra hoje amanhã ta tudo quebrado. [...] essa área gourmet, meu sonho era essa área gourmet, por que essa casa que a gente tinha era bem grandona tinha um dek enorme tinha um quintal enorme, então assim se você tivesse uma área dessa lá, imagina só... (Rachel)

É e o principalmente eu vejo assim também os closet, que eles chamam lá, eles fazem os closet, por exemplo nessa parede, e põe as portas, e você pode organizar ali toda a sua bagunça. [...] sua dispensa as suas coisas de cozinha, [...] é uma coisa muito boa pra trazer pra cá, quando eu fiz essa casa aqui eu não coloquei por que a minha expectativa era tão grande do meu marido vim embora que eu quis

economizar se eu soubesse que ele não vinha embora eu não tinha economizado não, eu tinha feito os closet entendeu? (Jessica)

Em sua nova casa em Governador Valadares, Benjamin e Raquel a construíram com alguns elementos arquitetônicos tipicamente americanos. Na figura 33, podemos observar a incorporação de estilo e de peças trazidas para a construção da casa no Brasil. Elementos da escada e na figura 32 a mobília da casa, também trazida dos Estados Unidos. O casal afirma que a preferência para realizar as refeições em família é na área tipicamente brasileira, ou seja, a área gourmet, a única área da casa que não tem objetos trazidos dos Estados Unidos e arquitetura inspirada nas casas americanas onde viveram ou trabalharam.

Quando perguntado por que tinham colocado elementos arquitetônicos americanos na casa, Benjamim respondeu:

Porque eu queria alguma coisa que fosse diferente daqui do Brasil que desse um *tchan!* Diferente, que não tinha e que eu sabia chegar e fazer, não precisar de pagar por aquilo, chega lá eu mesmo faço. Como eu mexia com construção lá, entendeu? Chegando lá eu consigo adaptar isso aqui lá no Brasil e vai ficar diferente e chamar atenção.

Esse depoimento demonstra a influência tanto da arquitetura quanto de sua experiência como trabalhador na construção civil durante o tempo de emigração. É interessante destacar que a escada, um elemento que chamou a atenção nas construções da região para onde migraram, torna-se um elemento importante da casa construída no Brasil. No caso da Jéssica e Benjamin, o corrimão da escada foi trazido dos Estados Unidos. Despojos de construções em que Benjamim trabalhou.

Figura 32: Escada trazida dos Estados Unidos para construção da casa no Brasil.



Fonte: Foto cedida pela moradora.

Figura 33: Móveis, peças de decoração e luminárias trazidas dos EUA.



Fonte: Foto cedida pela moradora.

Lionel, que viveu também em Newark, afirma que a vivência da casa americana e da casa brasileira é a mesma. Porém, ele cita que na primeira casa que viveu com a então esposa, eles utilizavam mais o quarto, já que dividindo espaço com outras pessoas, você acaba colocando no quarto tudo que precisa.

A sala e a cozinha. Lá nos Estados Unidos é mais o quarto. Estados Unidos mais é o quarto primeiro o computador tá é no quarto a televisão você costuma ter na sala mas tem no quarto e aquele o fato de você dividir espaço você entendeu da privacidade, então o quarto lá nos Estados Unidos ele é muito usado, muito usado, muito, muito.

Afirma que sente falta aqui no Brasil, da madeira nos revestimentos da casa, pois tudo é com cerâmica e a madeira é mais agradável ao toque, dá mais sensação de aconchego. Destaca que o closet é interessante e que lá funciona, mas ele entende que closet de alvenaria no Brasil não funcionaria, pois ficaria úmido.

Grace, que morou em Massachusetts, destaca que trouxe dos Estados Unidos para sua casa no Brasil a integração dos ambientes. O elemento arquitetônico que levaria do Brasil para a casa nos Estados Unidos é o piso frio, a cerâmica no piso, pois é “mais prática, mais limpa e mais fácil”. Considera o tapete, elemento comum nas casas americanas, pouco prático. Outro ponto que ela cita é a falta de uma área de serviço, com tanque, local de estender roupas, etc., nas casas americanas.

Eu traria como eu trouxe essa integração dos ambientes esses espaços mais abertos [...] Q que eu levaria é essa questão do piso do chão mesmo eu acho a cerâmica mais prática, mais limpa, mais fácil.

Matthew, ao comparar o modo de habitar e os elementos arquitetônicos da região dos Estados Unidos em que viveu (também Massachusetts) e do Brasil, destaca a cozinha brasileira mais ampla e coloca como elemento que apreciou e que traria para o Brasil, a praticidade da casa americana. O conceito aberto e integrado das áreas de convivência.

“Eu acho que eu levaria pra lá essa disposição da gente com mais pessoas na casa, talvez faria teria uma cozinha maior. Se eu fosse voltar pra lá, eu queria uma casa com a disposição talvez onde a gente ficasse mais na cozinha. [...] De lá pra cá é a praticidade mesmo, eu acho que já tá nessa interação, desse conceito aberto já tá nessa”.

Chloé critica a falta da área de serviço, com tanque na casa americana. “Se eu pudesse eu levaria um tanque do Brasil pra lá, porque as casas de lá não tem tanque, não tem tanque, é impressionante as casas não tem tanque”.

[...] porque lá ninguém lava pano, lá eles não passam pano assim, aliás passa, passa pano no chão na casa, né? Só que os panos eles juntam, vão juntando aqueles panos que limpam a casa e põe tudo na máquina de lavar. Então não tem esse negócio de você ir lá no tanque esfregar um pano de chão, pode de molho, depois pôr no varal. Tem nada disso. É muito diferente assim a limpeza.

Em relação à experiência vivida de habitar em uma casa americana, Chloé destaca que traria para o convívio da casa brasileira a cozinha, com sua tipologia ampla e aberta, muitos armários e ilha central, além do triturador de alimentos orgânicos. Ela cita que quando alugava um apartamento, o mesmo já tinha a cozinha montada. Destaca a praticidade das cozinhas nas casas alugadas.

Quando você alugava um apartamento, vamos dizer um apartamento, a cozinha já é pronta. Microondas, fogão, geladeira, forno, dishwash, que é lava-louça, né? tudo, tem uns que até a mesa tem, precisa de nada, basta você levar só suas panelas.

Os participantes do estudo relataram como percebem a diferença entre morar, no sentido de vivenciar a casa, nos Estados Unidos e no Brasil. Alguns não destacam a diferença inicialmente, mas na medida em que descrevem as práticas dos dois lugares, essas diferenças são evidenciadas, como pode ser percebida nos relatos a seguir.

Lionel citou que não via diferença entre morar lá e morar aqui, ele diz que a única diferença são os materiais de acabamento das áreas molhadas, no caso, dos banheiros. Ele cita também os telhados, que deixa a casa mais bonita. Benjamim, apesar de destacar inicialmente não perceber nenhuma diferença, destaca a falta de relacionamento com a vizinhança.

“Eu não consigo ver diferença, não. O único a diferença de habitar lá e habitar aqui, tipo assim, é uma parte que eu vejo que aqui é diferente, é tipo assim, a vizinhança lá você não tem muito contato [...]. Igual meu vizinho, viajou ele deixa a chave dele comigo, passa o olho na minha casa. Vê ai se vê alguma coisa diferente, aí me avisa, tal se eu precisar de você pra dar ração pro meu cachorro, vou te ligar, entendeu? Lá eles não têm muito disso. O habitar lá é o seguinte: você é você e cada um na sua, entendeu?”

Jessica ressalta a diferença em relação ao habitar citando que as casas nos Estados Unidos ficam muito fechadas e aqui no Brasil sempre se abrem as janelas das casas, porém, no que diz respeito aos quintais, ela já evidencia que aqui no Brasil se vive preso, e lá os quintais são abertos, sem muros.

[...] lá minha filha, no inverno, você não pode abrir a janela porque o heater tá comendo dentro de casa se você abrir a janela vai pagar um absurdo de luz. No verão o ar condicionado tá ligado. Você também não abre janela, tá entendendo? Ai o que que faz quando ta acabando o inverno e tá começando o verão? Cê tem [...] uma semana mais ou menos pra você abrir a sua janela por que vem o pólen, o pólen antes do verão vem o pólen mata.”

Chloé destaca a segurança como a grande diferença entre habitar no Brasil e nos Estados Unidos. Realça o medo presente no seu dia a dia por ser indocumentada. “[...] quando via um carro de polícia ficavam com medo por ser ilegais, mas não por violência”. Outro ponto que destaca são os quintais sem muros ou cercas.

Diferente lá, por exemplo, você pode deixar um carro dormir na rua, dormir aberto que ninguém ia mexer você podia ter certeza que se dormir com a porta aberta podia ter certeza que nunca ia chegar ladrão na sua casa e tanto é que as casas lá não têm muro nem tem portão é tudo aberto, né. Então, assim, essa liberdade de você sair assim na rua e saber que não tinha perigo de ser assaltada de ser roubada e aqui não, e aqui essa diferença esse medo muitas vezes de sair .“Ai meu Deus se entrar ladrão na minha casa” roubar minhas coisas tudo nova, entendeu, aquele medo de sei lá, esquecer um carro aberto, um portão aberto uma liberdade que aqui no Brasil não tem mas, ao mesmo tempo o medo que a gente tinha lá de quando a gente via um carro de polícia medo de migração por ser imigrante ilegal então esse era nosso medo lá entendeu, coisa que aqui não tem, mas, é o contrário o oposto totalmente o oposto.

Chloé, assim como Benjamim, afirma que sentia falta de ver pessoas na rua, e que também não tinha relacionamento com os vizinhos:

Uma coisa [...] que eu mais sentia falta era de ver as pessoas na rua às vezes você não conhecia nem quem era seu vizinho, você não vê as pessoas entendeu. Então isso é estranho cê não dá um bom dia pro seu vizinho, cê não sabe quem ele é”.

Grace considera que se “preocupa muito de fazer o lar para receber” e que isso não existia nos Estados Unidos. Assim como Chloé e Benjamim, ela cita a distância dos vizinhos e também que a vida no país é muito prática.

Na verdade, lá é difícil também, porque o povo quer muito economizar então você fica sem graça de ir na casa de alguém. Tem gente que não gosta de receber visita, brasileiro com medo de gastar a comida dele, tem muito isso também. Então acaba inibindo. Nós íamos no nosso compadre, aí já é outro método, já sai conosco, já sabia o estilo de vida mas os demais não.

Matthew acha que o clima frio do estado que morou reflete nas casas e na maneira de conviver dos americanos. Ele afirma que no Brasil as casas são mais coloridas e isso reflete mais calor humano.

Lá as casas são pintadas de cinza e cores assim fechada eu acho que isso é o estilo deles. Eles são frios e aqui você pode ver que as casas são tudo amarela, vermelha é bem verão. Isso tem calor humano, eu acho que aqui as pessoas se importam com a outra, eu acho que a diferença é essa. Toda hora tem uma visita.

Você sente falta das pessoas te visitar você quer visitar as pessoas e lá é o contrário, você não quer que as pessoas vão te visitar, você tá cansado, você tem que acordar cedo. Por que as coisas você tá pagando [...], sempre tem alguma coisa te empurrando a trabalhar mais.

Pallasmaa (2011, p. 68) destaca que “em seu modo de representar e estruturar a ação e o poder, a ordem cultural e social, a interação e a separação, a identidade e a memória, a arquitetura se envolve com questões existenciais e fundamentais”. Para o autor, qualquer vivência provoca recordações, memórias e até comparações, e quando essa memória é absorvida, ela tem um papel importante, sendo alicerce da lembrança de um lugar. Quando migram levam as vivências, recordações e memórias do local de partida. Muitos tentam reproduzir estes territórios para maior conforto e territorialização. Quando retornam para o ponto de partida possuem outras memórias, experiências, trazem consigo e as reproduzem em seu novo habitat no Brasil, como fez Rachel e Benjamim.

Nossa casa, nosso lar, ele acaba fazendo parte da nossa identidade. Entendemos que por isso é tão difícil para os emigrantes separar as vivências dos lugares. Um pouco de cada lugar está inserido no local atual de vida. Assim, um pouco do que foi vivido no país de origem aparece na vivência do lugar no país de destino.

Por isso, como afirma o Pallasmaa (2018, p. 23), “vivemos em mundos mentais, nos quais o material e o espiritual, bem como o vivenciado, lembrado e imaginado constantemente se fundem”.

A experiência de um lugar ou espaço sempre é uma troca curiosa: à medida que me assento em um espaço, o espaço se assenta em mim. Vivo em uma cidade, e a cidade

vive em mim. Estamos em um constante intercâmbio com nossos entornos; internalizamos o entorno ao mesmo tempo que projetamos nossos próprios corpos – ou aspectos de nossos esquemas corporais – no entorno. Memória e realidade, percepção e sonho – tudo se funde (PALLASMAA, 2018, p.25).

Os relatos aqui analisados indicam a importância das memórias trazidas para o território de destino e as levadas no retorno, após tempos de permanência em uma cultura com elementos distintos, contudo, de alguma forma, assimilados. Esses elementos passam a fazer parte da percepção do modo de habitar. São elementos materiais e imateriais, ou espirituais, como denomina Pallasmaa (2018), que se fundem, resultando em um novo modo de habitar. Por esta razão, as casas dos retornados são únicas e apresentam características fundidas a partir das experiências vividas, que se traduzem numa multiterritorialidade. É neste sentido que buscam reproduzir, no retorno, um novo modo de habitar.

Tais afirmações e pensamentos corroboram com a visão de Haesbaert e Mondardo (2010), no que diz respeito a essa vivência em trânsito, de vários mundos e experiências.

[...] a multi ou transterritorialidade também deve ser vista, sobretudo, dentro de um movimento de entrada, saída e, mais do que isto, de trânsito entre diferentes territórios. O que mais importa aqui é a condição de possibilidade, sempre em aberto, de nossa inserção em “território alheio” (que também passa, assim, de forma ambivalente, a ser “nosso”), a abertura desses territórios que coloca permanentemente a possibilidade de entrar, sair e/ou transitar por essas territorialidades (HAESBAERT; MONDARDO, 2010, p. 34).

O antropólogo cubano Fernando Ortiz (1999), no que diz respeito às fases existentes no processo de modificação de uma cultura para a outra, cita que existem três momentos: o da aculturação, quando o indivíduo absorve outra cultura, o da desculturação, quando o indivíduo abandona a sua própria cultura e a neoculturação, que seria a criação dessa nova cultura. Haesbaert e Mondardo (2010, p. 34-35) destacam que “A transculturação opera, assim, pelo atrito das culturas que expressa uma perspectiva criadora através de perdas, conflitos, assimilações, negociações e cruzamentos.”.

Sayad (2000) caracteriza o retorno como uma categoria fundamental do fenômeno migratório. Tal processo só se fecha quando o retorno acontece. Além disso, o retorno não é apenas um retorno ao espaço físico, mas principalmente ao espaço social modificado por eventos vitais, e conseqüentemente, uma impossibilidade concreta, pois não se retorna àquele mesmo território, com as mesmas estruturas e fenômenos que se vivia antes da emigração. Não pode retornar efetivamente para o mesmo estado das coisas. Assim, os emigrantes trazem consigo culturas distintas das que antes eram praticadas, e tais culturas são vistas também na maneira de construir ou reformar a própria casa, quando retornam à cidade de origem.

Morar nos Estados Unidos, levando consigo toda a maneira de vivenciar o território do país de origem causa certo desconforto na adaptação e na absorção de novas culturas e modos. O brasileiro leva para o país de destino o seu jeito de morar e lá agrega novos hábitos. Hábitos esses que são trazidos ao país de origem no retorno.

A vivência da casa, no retorno, fica diferente. A construção da casa é pensada com elementos arquitetônicos ou ambientes e ambientações com toques do país de destino. Aí está a transterritorialidade do retornado, que tenta mostrar, nem que seja na cozinha aberta da nova casa, um pouco do que foi vivido e vivenciado no país de destino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transitamos nesse trabalho pela migração na microrregião de Governador Valadares, pelos territórios decorrentes dela, tanto o território físico quanto o território das memórias, e também, pela casa, objeto central dessa pesquisa. Observamos que o fenômeno migratório apresenta aspectos macro como a orientação dos fluxos em função de aspectos econômicos globais, mas também constatamos como os desejos, os sonhos e as vontades estão presentes nesse processo e como a vivência em outro território deixa marcas no aspecto mais específico como o habitar uma casa.

Com base nos dados coletados e na análise destes à luz das teorias, busca-se, nesta etapa final da pesquisa, responder à questão central que norteia este estudo. Pretende-se que este estudo fomente a discussão referente ao morar do emigrante, ponto tão relevante para o viver, já que a casa nos abriga, nos resguarda e mantém nossos vínculos com a cidade de origem, compreendendo melhor esse território subjetivo que ela transita.

Este trabalho traz uma reflexão sobre a transterritorialidade do retornado e a arquitetura domiciliar, como ele vivencia a casa na cidade de origem após o retorno. Entendemos o território além do espaço físico que o emigrado viveu, tanto antes de emigrar, quanto ao retornar, e também, no país de destino, mas como o lugar das memórias dos elementos simbólicos e da subjetividade onde viveu e absorveu modos e maneiras distintas de experienciar a casa e as maneiras de usá-la.

Estando em território distinto do seu, observa-se que o emigrado se sente deslocado, fora do seu lugar, e para que a adaptação seja estabelecida, ele necessita do apoio da rede social de contatos, os parentes e amigos que lá já se encontram. Além disso, como forma de territorializar-se, a comunidade brasileira, na região de residência dos emigrados, utiliza nomes, imagens e símbolos da cidade de origem, o que permite uma sensação de pertencimento maior.

Tal deslocamento, sair de sua casa, no seu lugar, no seu território e partir para um território diferente, com costumes e normas distintas, absorver os modos desse lugar, e ao regressar à cidade de origem, viver com todos os territórios em si, faz dos emigrados sujeitos transterritoriais, pois sua identidade é marcada por essa experiência.

A casa urbana brasileira se desenvolveu de maneira mais relevante a partir do século XVIII, com o ciclo do ouro. A partir daí não houve grandes modificações, além do banheiro que ingressa para dentro da casa, da mecanização da cozinha e de aparelhos tecnológicos como o rádio e a televisão, que alteram a ambientação da casa. Vale ressaltar que muita da

arquitetura feita em solo brasileiro se deu a partir da mão de obra escrava, sem conhecimento técnico, e também da mão de obra imigrante, que chegou, principalmente em meados do século XIX.

Nas reflexões sobre o habitar a partir da experiência migratória, de todos os cômodos da casa, três foram citados repetidas vezes pelos participantes dessa pesquisa, a saber, a cozinha, a sala e o quarto. Os três cômodos eram na antiguidade um único espaço, onde se cozinava, recebia pessoas e dormia. Com o tempo, esse espaço evoluiu para a casa como conhecemos hoje, dividida em setor íntimo, social e de serviço.

A cozinha, pertencente ao setor de serviço da casa, teve sua maior alteração quando ela se abre para a sala, que pertence ao setor social da casa. Tal tentativa foi feita primeiramente nos Estados Unidos na década de 1950. Porém, tal opção só se tornou realmente popular no Brasil nos anos 2000. Esse é um exemplo de uma territorialidade americana que agora é recorrente na arquitetura domiciliar brasileira.

No Brasil colonial, a sala era o ambiente para se receber quem não fazia parte da família. Tais hábitos são alterados com a chegada da família real, agora, o receber em casa é estimulado pela corte. As famílias de maior poder aquisitivo tinham em suas casas cômodos específicos para as recepções como sala de música, para fumar e para receber.

As mudanças referentes ao século XX estão diretamente ligadas à tecnologia. O rádio e a televisão alteram a maneira de vivenciar esse espaço. Nos países frios, como os Estados Unidos, no local da lareira hoje se encontra a televisão. Atualmente, no Brasil, nas casas mais abastadas, encontramos uma televisão em cada quarto, além de existir um cômodo específico somente para a TV.

A principal evolução histórica do quarto, além da inclusão da tecnologia, como ar condicionado, televisão e computador, foi a inserção do banheiro ligado diretamente ao quarto. Durante o tempo vivido no país de destino, para muitos participantes do estudo, este seria o único espaço de privacidade, já que dividiam a casa com outros migrantes e levavam a vida doméstica para dentro do cômodo, tendo ali além da cama, o frigobar, micro-ondas, computador e televisão.

Durante três séculos esse cômodo não apresentou grandes mudanças. No século XVII, em algumas casas de engenho existia um cômodo externo, sem ligação com o interior da casa, para receber visitantes. Somente no século XIX a alcova tem janelas abertas ao exterior. Na década de 1920, o quarto do casal, o quarto mais importante da casa, se posiciona perto da sala, e aqui percebemos um problema de fluxo da casa. Só na década de 1950, com o modernismo, é que a casa é dividida da maneira que conhecemos hoje, o setor íntimo (quartos

e banheiros), o setor social (sala de estar, tv e jantar) e o setor de serviço (cozinha e área de serviço). Assim, não existe o problema de fluxo dentro da casa.

O que percebemos hoje, em relação ao morar, são espaços cada vez mais justos e mobiliário cada vez mais robusto, sendo assim, difícil de encaixar tudo que o morador deseja num espaço tão ajustado.

Ao caminharmos pela evolução da casa física nos deparamos com a casa como o território das memórias. Para o emigrante, a casa que ele morava antes da migração permanece viva em sua lembrança. Conforme afirma Pallasmaa (2017), o lar perdido por uma pessoa é parecido ao luto por algum familiar, em função disso, observamos nos relatos dos participantes do estudo a necessidade de criar vínculos afetivos para refazer esse lar perdido, tanto no destino quanto no retorno.

Como vimos, no país de destino, são percebidos dois tipos de casas, as populares e as casas com estilo. As casas com estilo são divididas em outros quatro tipos, que são: a Clássica Antiga, Renascentista, Clássica, Medieval e Moderna. Todos esses exemplares podem ser vistos na região da Nova Inglaterra, onde viveram os participantes deste trabalho.

No tempo da emigração, esses migrantes habitaram as casas com estes estilos, contudo, não utilizavam o espaço integralmente. Em algum momento do período migratório, dividiram a casa com conhecidos, parentes, ou mesmo desconhecidos, sendo esta uma prática comum entre os migrantes como forma de economizar. Nessa relação com o novo território e a arquitetura doméstica, todos destacaram a diferença entre os territórios de origem e de destino não só no habitar, mas também nos aspectos simbólicos desse habitar. Alguns não souberam como elucidar essas diferenças imediatamente, mas o fizeram quando descreveram o estranhamento, principalmente, em relação à casa e o modo de habitar.

Os participantes relataram que trariam para a vivência da casa brasileira modos e coisas da casa americana e vice-versa. Tanque para lavar pano de chão e área gourmet são possibilidades para serem levadas para os Estados Unidos. Closet, armários pela casa, ilha na cozinha, ar condicionado central e integração dos ambientes são exemplos do que poderia ser trazido para a casa brasileira, e efetivamente, muitos deles, ao retornar, trouxeram.

Retomando a questão que norteou este estudo, ou seja, “*de que maneira é apresentada a transterritorialidade do retornado Valadarense na sua arquitetura domiciliar?*” podemos considerar que a transterritorialidade é percebida na construção da casa, com elementos arquitetônicos típicos da casa americana, mesmo que executada de maneira leiga. A transterritorialidade também é vista na tentativa de integrar espaços da nova casa, para que se pareça com os espaços integrados das casas americanas, e até no desejo de ter alguma destas

coisas nas suas casas construídas na região de origem.

A transterritorialidade é observada na memória e no desejo de um dia trazer alguns dos elementos do habitar que vivenciou no destino para sua casa na origem. Dessa forma, podemos considerar que a transterritorialidade está presente não só na arquitetura, mas também no habitar. Quando migram levam elementos de sua experiência para o destino, como o desejo de ter uma área de serviço com tanque, e no retorno trazem os elementos do habitar para o Brasil, como por exemplo, a TV e a Ilha na cozinha.

Sendo assim, conclui-se que o emigrante, ao vivenciar a casa americana, mesmo que juntamente de outros brasileiros, absorve alguns elementos dessa arquitetura, e também do estilo de vida, do modo de habitar. Essa experiência está presente na casa edificada em solo brasileiro no retorno. Alguns hábitos estão tão enraizados na cultura que não desaparecem, nem mesmo depois de tantos anos em outro país, como é o caso do desejo de levar para a casa americana o tanque de lavar roupa ou trazer para sua casa no Brasil o sistema de aquecimento ou refrigeração central.

Foi possível, neste trabalho, presenciar e compreender o fenômeno da transterritorialidade do retornado Valdarense, pois, no retorno traz na memória e concretiza na arquitetura de suas construções na terra natal elementos arquitetônicos e o modo de viver americano, agora incorporado ao seu modo de habitar. A maneira de vivenciar essa transterritorialidade é reproduzindo elementos que são possíveis em sua casa ou vivenciando em suas memórias e desejos de concretizar este estilo de vida e de habitar em sua cidade de origem.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In. : NOVAIS Fernando A., MELLO E SOUZA, Laura. **Historia da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALVES, Ricardo; SIQUEIRA, Sueli. As marcas da migração internacional no Vale do Rio Doce pelos utensílios domésticos. **Idéias**, Campinas, SP, v.11, 1-25, e020006, 2020.

ASSIS, Gláucia de O. “Estar Aqui... Estar Lá.... Uma cartografia da emigração valadareense para os Estados Unidos”. In R. Reis & T. Sales (orgs.). **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Martins Fontes. São Paulo. 1996.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, Lda, 1977.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 68-80, 2005.

CAMPOS, M. B. Características demográficas e a voluntariedade da migração. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, DF, v. 23, n. 45, p. 273-290, 2015.

CAREGNATO RCA, Mutti R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**. 2006;15(4):679-84.

COSTA, Lúcio. **Arquitetura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

DONATO, Hernani. **História de usos e costumes do Brasil**. São Paulo; Melhoramentos. 2005.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. **História da Cidade: Conheça a História de Governador Valadares**. Disponível em: <http://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-da-cidade/12094>. Acesso em 25 ago. 2019.

FONTANA, Raphaela Mattos de Barros; GUEDES, Cezar. Emigrações brasileiras para os Estados Unidos e o impacto das remessas. **Revista Universidade Rural**. Seropédica, v.26, n1-2, p. 100 -106, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GERMANI, G. **Sociologia da modernização: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina**. São Paulo: Mestre Jou, 1974, 261 p.

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira. **Novos valores, velhas questões: o planejamento urbano em Governador Valadares**. 2009. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFMG, 2009.

GUIMARÃES, Jarsen Luis Castro. **Abordagens teóricas sobre migrações**. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/abordagens-teoricas-sobre-migracoes/47805>. Acesso em 25 ago. 2019.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, n. 29, p. 11 – 24, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre. 2004.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: Um debate. **Geographia**. Niterói, ano IX, n. 17, p. 19 – 50, 2010.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: Uma Antologia v II**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013, p. 233 - 244.

HAESBAERT, r., & MONDARDO, M. Transterritorialidade e antropofagia: Territorialidades de trânsito numa perspectiva Brasileiro-Latino-Americana. **Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia**, 2010, 19-50.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território e cultura: Argumento para uma produção de sentido. In: Heidrich, Álvaro Luiz; Costa, Benhur Pinós da; Pires, Cláudia Luisa Zeferino. **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Governador Valadares**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/governador-valadares.html>. Acesso em: 25 abr. de 2022.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, Edusp, 1979.

MACHADO, Igor José de Renó. Interação das fronteiras e o ponto de vista etnográfico: Dinâmicas migratórias recentes em Governador Valadares. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 15, n. 31, p. 167-187, 2009.

MARANDOLA JR, Eduardo; GALLO, Priscila Marchiori Dal. Ser migrante: Implicações territoriais e existenciais da migração. In: **Encontro nacional sobre migrações VI**. Belo Horizonte, 2009.

MARTES, Ana Cristina Braga; SOARES, Weber. Remessas de recursos dos imigrantes. **Estudos Avançados**. v. 20, n 57, p. 41 – 54, 2006.

MASSEY, Douglas. Economic development and international migration in comparative perspective. **Population and Development Review**, 14: 383-413, 1988.

MCALESTER, V. S. **A Field Guide to American Houses**. New York: Alfred A. Knopf, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MICHAELIS: pequeno dicionário da língua portuguesa. 1 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MONDARDO, Marcos Leandro. **Territórios Migrantes**: Transterritorialização e identidades em Francisco Beltrão/PR. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2012. 348p.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madri. EdiCubaEspanña, 1940.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madri. EdiCubaEspanña, 1999.

PAIVA, Ana Luiza Bravo e; LEITE, Ana Paula Moreira Rodriguez. Da emigração à migração? Por uma análise do perfil migratório brasileiro nos últimos anos. **Revista ArsHistorica**. n. 7, p. 1 – 20, 2014.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2017.

PALLASMAA, Juhani. **Essências**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2018.

PALLASMAA, Juhani. **Os sentidos da arquitetura**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2017.

PARAGUASSU, Mauricio Altenfelder de Cresci. **Migração, espaço e paisagem**: O caso da comunidade brasileira em Framingham, no estado norte-americano de Massachusetts. Dissertação de mestrado Arquitetura e Urbanismo. USP, 2014.

PEREIRA, Sônia, SIQUEIRA, Sueli. Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana – REMHU**. Brasília, ano XXI, n. 41, p. 131-150, jan./jun. 2013.

PÓVOA NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise. **Experimental**, n. 2, p. 11-24, março, 1997.

PUTTINI, Ustane Moreira; RIBEIRO, Sônia Marques Antunes. Os ambientes quarto e sala na moradia brasileira: uma trajetória do século XVI ao XXI. In: **Actas de Diseño. IV Encuentro Latinoamericano de Diseño. “Diseño en Palermo” Año IV, Vol. 7**. Buenos Aires. 2009. pp. 150-59.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

REVISTA CASA CLÁUDIA. **O grande livro de Casa Cláudia**: 35 anos - a evolução do morar no Brasil de 1977 a 2012. São Paulo: Editora Abril, 2012. 336 p.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Mauro Augusto dos; BARBIERI, Alisson Flávio; CARVALHO, José Alberto Magno de; MACHADO, Carla Jorge. Migração: Uma revisão sobre algumas das principais

teorias. **Texto para discussão n° 398**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010.

SAVI, Aline Eying; DISCHINGER, Marta; HESPANHOL, Lays Juliani. Casa, doce lar? Revisão teórica sobre as representações materiais e imateriais do habitar doméstico. **Revista Iniciação Científica**. Criciúma, v. 13, n. 1, p. 5 – 16, 2015.

SAYAD, Abdelmalek. O Retorno elemento construtivo do migrante. **Revista Travessia**. São Paulo, v.13, número especial, p.7-32. 2000.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, Sucesso e Frustrações na Emigração de Retorno: Brasil-Estados Unidos**, Belo Horizonte, Argvmentvm, 2009.

SIQUEIRA, Sueli. História das migrações da Região de Governador Valadares-MG para os Estados Unidos. In: BÓGUS, Lúcia e BAENINGER, Rosana. **A nova face da emigração internacional no Brasil**. São Paulo: Educ, 2018, cap. 6, p. 129 a 148.

SIQUEIRA, Sueli e SANTOS, Mauro Augusto. Crise econômica e retorno dos emigrantes da Microrregião de Governador Valadares. **Travessia - Revista do Migrante**, ano XXV, v.1, n. 70, p. 27-47, janeiro – junho 2012. ISBN: 0103-5576.

SIQUEIRA, Sueli; FONSECA, Maria Lucinda, SANTOS, Mauro Augusto; GENOVEZ, Patricia Falco. Brasileiros em Portugal e nos Estados Unidos: Semelhanças e diferenças nos dois destinos. In: BERNEDUZI, Luis Fernando; DADALTO, Maria Cristina. **Mobilidade humana e circularidade de ideia: Diálogos entre a América Latina e a Europa**. Veneza: Edizioni Ca' Foscari, 2017.

SIQUEIRA, Sueli. O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. **Revista Nuevo Mundo**. 2007.

SIQUEIRA, Sueli. **Emigrantes da microrregião de Governador Valadares nos EUA: Projeto de retorno e investimento**. p. 1-20, 2004.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estado. 1976. In: MOURA, H. A. (org.). **Migração interna, textos selecionados**. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p. 211-244, 722p.

SOARES, Weber. **A emigração internacional de brasileiros: componentes da questão migratória**. p. 35 - 50, 2006.

SOARES JR, A. Q., SANTOS, M. A. A territorialidade e o território na obra de Robert David Sack. **Geografia**, Londrina, v. 27, n. 1, p. 7-25, abr. 2018.

SOARES, Weber. **Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.

SOUSA, Leonardo Gomes de. **Redes Sociais, Mercado e Cultura Migratória: Um estudo sobre fatores associados à mobilidade populacional na Microrregião de Governador Valadares no Século XXI**. 2016. 146 f. Tese de doutorado – Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG, Belo Horizonte, 2016.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 20, n.1, p. 199-218, 2008.

VASCONCELLOS, Sylvio de. A arquitetura colonial mineira. In. ÁVILA, Affonso. **Barroco: Teoria e Análise**. São Paulo: Perspectiva, 2013, p.351-367.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William SebaMallmann. **500 anos da casa no Brasil**: As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. 2 ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.

YIN, Roberto K. **Estudo de Caso**. Bookman: Porto Alegre. 2015.

ZABALBEASCOA, Anatxu. **La casa del Arquitecto**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 1996.

ZABALBEASCOA, Anatxu. **Tudo sobre a casa**. Editorial Gustavo Gili: São Paulo, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista semiestruturada

Olá! Gostaria, primeiramente, de agradecer sua participação neste trabalho. Destaco que sua experiência como migrante é fundamental para a realização deste estudo, pois dessas experiências depende a compreensão e análise científica do fenômeno migratório.

Para iniciarmos nossa conversa, retornemos ao tempo anterior à sua partida...

- 1- Fale-me um pouco sobre a sua vida antes de você emigrar para os Estados Unidos. (*Probe: O que você fazia? Como se divertia? Como era a relação com a família e amigos?*)
- 2- Como foi e por que você decidiu emigrar para os Estados Unidos? (*Probe: Quais eram as suas expectativas?*)
- 3- Como era a sua casa aqui em Governador Valadares antes de emigrar para os Estados Unidos? (*Probe: Como era a divisão dos espaços, a decoração, qual era o espaço principal da casa?*)

Agora vamos lembrar o tempo da sua partida.

- 4- Conte-me sobre os dias que antecederam a sua partida. Como foi a organização da viagem? (*Probe: A despedida... Fale um pouco sobre a viagem.*)

Agora vamos lembrar como foi a sua chegada aos Estados Unidos

- 5- Descreva como foi descer em território americano. Fale-me sobre suas primeiras impressões no aeroporto, na cidade e na casa. (*Probe: Como era a casa que você chegou? Fale-me um pouco sobre as suas impressões dela. O que você percebeu de diferente?*)

Vamos agora falar um pouco sobre a sua vida nos Estados Unidos.

- 6- Fale-me como foram os primeiros dias e meses nos Estados Unidos. (*Probe: Em relação ao trabalho, as suas expectativas e o seu cotidiano.*)

Agora vamos falar sobre sua casa nos Estados Unidos

- 7- Como foi a sua primeira casa nos Estados Unidos? (*Probe: Divida com alguém? Como era a divisão dos espaços, a decoração, qual era o espaço principal da casa?*)

Você morou em mais de uma casa? Descreva essas casas em relação aos espaços e a utilização dos mesmos.)

- 8- Você percebe alguma diferença na casa no que se refere ao morar, a conviver com os espaços, nos Estados Unidos e no Brasil? (*Probe*: Existe diferença na utilização dos espaços? Por exemplo: a cozinha e os quartos têm o mesmo significado?)
- 9- Em relação ao modo de morar em uma casa, de conviver com os espaços da casa, o que você traria do modelo americano para a casa no Brasil e o que você levaria do Brasil para a casa americana?

Estamos chegando ao final da nossa conversa. Vamos então falar do retorno para o Brasil

- 10- Relate-me sobre o seu retorno para o Brasil. (*Probe*: Quais eram as suas expectativas? Como foi retornar? Fale-me um pouco sobre os sentimentos e as sensações desse período).
- 11- Na casa em que você veio morar no Brasil, qual foi a sua sensação em relação aos espaços e a estrutura física desse habitar, comparando-a com a dos Estados Unidos?
- 12- Você veio para uma casa nova ou para uma casa que você já tinha residido antes? (*Probe*: Nessa residência, você incorporou algum elemento do seu modo de morar lá nos Estados Unidos? Quais ou o que?)
- 13- Qual a diferença da moradia, do lar, da casa, do habitar nos Estados Unidos e no Brasil?

Finalizamos aqui a nossa conversa. Existe algo que eu não perguntei e você que gostaria de falar? Principalmente sobre a casa, o morar e o habitar, tanto nos Estados Unidos quanto aqui no Brasil.

Agradeço imensamente pela oportunidade dessa conversa. Suas informações e impressões são muito importantes para que eu possa realizar o meu trabalho. Caso haja necessidade de esclarecer algum dado ou complementar, posso retornar? Muito obrigada!